E mais uma vez: as mulheres devem ficar caladas e submeter-se

O que me leva a retomar mais uma vez o breve texto de 1 Coríntios 14:34-35? O fato de que eu (como muitos outros) levo a sério esses dois versículos. No entanto, há muitas perguntas no ar, tanto de crítica textual quanto teológicas. Soma-se a isso a imensa história da recepção desses dois versículos. Volto ao tema mais uma vez para mim mesmo, para não seguir alguma conclusão equivocada; reúno ideias e as repenso mais uma vez.

Este texto não é um artigo pronto para impressão, mas uma base de trabalho ou de discussão. Ele reúne material sobre esses versículos e consiste em muitas citações, na maioria traduzidas do inglês. O programa Logos, diversas páginas da internet e o excelente programa de tradução www.deepl.com mantiveram o esforço deste trabalho dentro de limites razoáveis. Em outubro de 2026, o texto foi revisado e corrigido.

Breve introdução e o texto

Ainda há pregadores, mestres e líderes que tomam a palavra de Paulo sobre o silêncio das mulheres como absoluta: nenhuma participação na proclamação/pregação, no ensino, na oração durante a reunião de culto. Quem quiser pode, sim, entender assim. Muitas irmãs nos círculos sobretudo do movimento dos Irmãos, da ala mais conservadora à mais aberta, se conformam com isso. Às vezes, talvez até com mais frequência do que se imagina, apesar de perguntas e dúvidas interiores.

Seria, então, uma determinação divina de grande alcance, categórica e muito marcante. Quando alguém a lê ou entende assim e a pratica, isso revela algo sobre a maneira como lê a Bíblia. Nesta análise, pressuponho a Bíblia como Palavra de Deus dotada de autoridade. Mas, mesmo assim, continua a questão de como devemos, podemos ou também não deveríamos interpretá-la – justamente os textos difíceis.

Neste ensaio, vou atrás dessa pergunta. Reúno alguns exegetas, conhecedores das línguas bíblicas e teólogos ou professores da Bíblia e suas explicações, e os cito. Permito-me comentar essas interpretações. Para todos os intérpretes e para mim mesmo vale, diante de Deus, que podemos errar e que, além disso, o nosso conhecimento é imperfeito. Apesar de toda a humildade e objetividade exigidas, essa pergunta é clara e a resposta não fica em aberto. Só existe sim ou não. Silêncio absoluto, sim ou não? Falar, sim ou não? A pergunta continua importante demais para que não seja repensada mais uma vez. Mesmo que muitas irmãs estejam satisfeitas no papel silencioso e pensem, como também os irmãos, que dessa forma são fiéis à Bíblia. Os cultos dessas igrejas também funcionam, afinal. Funciona também sem que as irmãs falem, e já funciona assim há muito tempo. Mas isso não tem importância para a pergunta sobre se essa prática é correta. Também não se trata aqui de consequências e efeitos práticos, embora esse fosse um tema extremamente interessante.

Segue o texto em questão, por causa do contexto a partir do versículo 31:

1 Coríntios 14:31-40, segundo a tradução Elberfelder (tradução alemã da Bíblia), versão CSV; traduzido aqui do alemão

31 Pois todos vocês podem profetizar, um após o outro, para que todos aprendam e todos sejam consolados. 32 E os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas. 33 Pois Deus não é Deus de desordem, mas de paz, como em todas as reuniões dos santos.

34 As mulheres estejam caladas nas reuniões, pois não lhes é permitido falar,

antes, devem submeter-se, como também diz a Lei.

35 Mas, se querem aprender alguma coisa, perguntem em casa a seus próprios maridos;

pois é vergonhoso para uma mulher falar na reunião.

36 Ou foi de vocês que saiu a palavra de Deus? Ou chegou somente a vocês? 37 Se alguém pensa ser profeta ou espiritual, reconheça que aquilo que lhes escrevo é mandamento do Senhor. 38 Mas, se alguém é ignorante, que seja ignorante. 39 Portanto, meus irmãos, procurem com zelo profetizar e não impeçam que se fale em línguas. 40 Mas tudo seja feito com decência e em ordem.

A prescrição: as mulheres devem ficar caladas nas reuniões de culto.

Os motivos: (1) não lhes é permitido falar;

(2) antes, devem submeter-se, como diz a Lei.

Regulamentação: se desejam aprender, devem perguntar a seus próprios maridos em casa.

Justificativa: é vergonhoso para uma mulher falar na reunião.

Não deixar o cérebro na porta

Muitos irmãos que defendem a ordem absoluta de silêncio defendem a fé cristã como algo que não é irracional, que não é hostil à ciência. Em outras palavras: é possível crer num Criador e numa criação, ou na ressurreição e em milagres, sem desligar o cérebro. Compartilho plenamente essa opinião.

Mas essa atitude vale igualmente para a leitura da Bíblia e a compreensão da Bíblia. Então também preciso estudar os textos bíblicos com o mesmo rigor e, ao mesmo tempo, com abertura para o resultado. Sobretudo quando se trata de consequências de grande alcance para a vida prática da igreja. Antes de mais nada, quero deixar claro: uma crítica ao conteúdo dessa palavra não é admissível, porque considero o Novo Testamento, assim como o Antigo, Palavra de Deus inspirada, soprada por Deus.

Por isso, aproximo-me mais uma vez desse texto extremamente controvertido e acaloradamente discutido há muitas décadas. Não posso mudar o fato de que eu mesmo trago muitas decisões prévias, conhecimento e desconhecimento, e também influências que me marcaram. Mesmo assim, procuro simplesmente, da melhor forma que sei e com toda a consciência, com a ajuda do Espírito Santo e do meu entendimento (iluminado), compreender esses dois versículos.

Rejeito toda insinuação de estar influenciado ou manipulado pelo feminismo. Infelizmente, essa é a acusação repetida como um mantra e cheia de clichês de todos aqueles irmãos e irmãs que insistem enfaticamente na ordem de silêncio quando alguém chega a uma compreensão diferente ou até oposta. A abordagem e a recomendação deles são: o texto é simples, claro e inequívoco, e não pode ser mal compreendido. Basta simplesmente obedecê-lo.

Então vamos tentar fazer isso. Pois bem, quando leio a primeira carta aos Coríntios, aparece, como se sabe, no capítulo 11:5 a afirmação de que uma mulher ora e profetiza. Aqui, que me concedam, apenas hipoteticamente, a compreensão – afinal, ainda não li o capítulo 14 – de que a mulher faz isso em qualquer lugar: na igreja, no círculo de amigos ou na família. Depois leio o capítulo 14, no qual

Paulo enfatiza várias vezes: todos, ou seja, homens e mulheres, podem e devem participar. É verdade que ele usa o termo “irmãos” e pronomes masculinos, mas há um consenso geral de que, na maioria das vezes, ambos os sexos estão incluídos. De modo semelhante ou inteiramente no sentido de um masculino genérico. Nem sempre é assim, mas muitas vezes é. Portanto, até o versículo 33, a reunião de culto não faz nenhuma restrição quanto ao sexo. Depois vêm os versículos 34 e 35, que categoricamente – pelo menos à primeira vista – excluem a participação das irmãs.

Não lhes é permitido falar! Uma afirmação que parece remeter a um mandamento já existente ou a uma tradição. Não pode ser Paulo o primeiro a mencionar ou exigir algo assim. Muito antes dele já havia apóstolos, e também Jesus Cristo. Mas em parte alguma, absolutamente em lugar nenhum, se encontra no Novo Testamento um mandamento desse tipo, nem mesmo de forma incipiente. Nem um mandamento claro, nem uma situação da qual se pudesse deduzir isso. Aqui é legítimo colocar um primeiro ponto de interrogação.

Falar de uma exceção, quando todas as mulheres devem ficar caladas, não acerta bem o alvo: é a metade das pessoas presentes que não deve dizer nada. Chamar isso de exceção é antes um eufemismo apaziguador, totalmente inadequado ou impróprio. Exceções não dizem respeito a 50% dos presentes, mas talvez a 10%.

Agora começa a justificativa: as mulheres devem submeter-se, como também diz a Lei. Ou seja, a submissão é equiparada a ficar quieta. A submissão, como se sabe, é uma virtude cristã. Segundo as leis da lógica, isso significa que os homens que dizem alguma coisa no culto não se submetem, ou, pelo contrário, se exaltam? Ou, perguntando de outra forma: se uma irmã, numa atitude humilde de submissão – que é perfeitamente perceptível –, talvez até a convite de um irmão, diz alguma coisa (uma oração, uma leitura das Escrituras, uma palavra profética), como isso poderia não estar no espírito da submissão? Uma participação simples e tranquila, talvez apenas a resposta a uma pergunta, não é o contrário da submissão. Por isso, equiparar o silêncio à submissão não é plausível. No mais tardar agora, a gente estranha pela segunda vez e pode supor que aqui existe um problema específico. As mulheres, de algum modo, não estão se comportando com uma atitude de submissão.

Essa submissão é exigida pela Lei. Mais adiante seguem muitos comentários dos quais se depreende que nem mesmo os melhores exegetas sabem que lei poderia estar em vista. O AT, tomado em conjunto, não conhece tal lei de submissão. Nem uma lei concreta, nem uma que fosse o teor geral do AT.

Este texto não é simples. Além disso, existe um contexto, uma situação histórica, concreta e também específica, na qual esses versículos falam. Some-se a isso que os destinatários sabiam muito bem o que se queria dizer. Neste caso, nós hoje não sabemos! Precisamos reconstruí-lo, precisamos tentar desenvolver explicações possíveis que, para além do texto concreto, também se encaixem necessariamente no quadro de todo o ensino do Novo Testamento.

Agora a justificativa para o silêncio das mulheres continua: Mas, se querem aprender alguma coisa, perguntem em casa a seus próprios maridos. Então não se trata, afinal, de uma ordem rigorosa de silêncio para as mulheres? Trata-se de um problema de aprendizado ou de ignorância? Se elas devem perguntar em casa, então faziam isso na reunião? Quem segue a lógica do texto já não pode falar de uma ordem absoluta de silêncio. Será que as mulheres – provavelmente não todas as mulheres, só algumas, já que nem todas tinham marido ou eram casadas – questionavam qualquer homem que se pronunciasse na reunião? E com isso geravam certo caos? Ou apenas inquietação e mal-estar? Será

que perguntavam de modo provocador, com insistência excessiva e de forma importuna, ou em tom de crítica?

A reunião não é o lugar onde, até hoje, podemos e devemos aprender, mulheres e homens? E, se as perguntas ajudam a avançar – e na maioria das vezes ajudam –, então podem e devem fazer parte do culto. Um pregador pode convidar a igreja a fazer perguntas; não se trata de uma bela pregação, mas daquilo que chega às pessoas e é compreendido. Será que no versículo 31 a preocupação de Paulo é que todos aprendam? No século I, a igreja, ou a reunião de culto, era o lugar onde se aprendia – diferentemente de nós hoje, com a nossa vida de igreja toda organizada. Onde mais seria? E perguntar faz parte do aprender, naturalmente de uma forma adequada. E agora Paulo, logo em seguida, haveria de proibir as mulheres de perguntar e ordenar que fizessem isso só em casa, com seus maridos? Aprender em casa em vez de na igreja? Alguma coisa aqui não se encaixa. E como foi com Marta e Maria? Aprender aos pés de Jesus, na sua presença, é tantas vezes quase romantizado como o ideal – então, por favor, deixem que isso valha também para a igreja. Aprender, e fazer em voz baixa uma pergunta, com discrição e disposição para aprender – o que Jesus diria disso? Cale-se!?

Agora, para encerrar este tema, diz-se o seguinte: pois é vergonhoso para uma mulher falar na reunião. Na linha de raciocínio, caberia interpretar o falar como um questionamento indigno da parte de algumas mulheres. Esse comportamento é vergonhoso ou desonroso. Mas para quem? Tem um sentido semelhante ao das abominações do AT? É uma vergonha para Deus/diante de Deus, ou é algo indecoroso numa cultura de honra e vergonha, como a que conhecemos do mundo mediterrâneo da Antiguidade e como ainda existe hoje em alguns países da terra ou em culturas que ultrapassam fronteiras nacionais? A vergonha deve, então, ser entendida culturalmente? Porque as mulheres não respeitam a honra de seus maridos – também diante de pessoas de fora, que evidentemente estão presentes e considerariam isso uma vergonha?

Até aqui, como objeção às convicções que simplificam este texto e dele extraem uma ordem absoluta de silêncio/proibição de falar e, com isso, a meu ver, deixam o cérebro na porta. Para encontrar um sentido plausível para esses versículos, pelo menos o seguinte está em aberto:

- O silêncio deve ser entendido de forma absoluta?
- São as reuniões em Corinto, ou seja, as reuniões nas casas de lá, ou todas as do mundo inteiro, nas quais isso é praticado assim?
- Esse já era o costume habitual antes de Paulo – ou em que ele se baseia?
- O simples silêncio é o mesmo que submissão?
- Qual é a lei dotada de autoridade a que Paulo se refere?
- O que se quer dizer com a vergonha que ocorre quando uma irmã participa?
- Além disso: esses dois versículos seriam talvez uma citação que Paulo apresenta justamente para refutar a exigência de que as mulheres fiquem caladas?
- Além disso: de fato existe a suspeita de que esses versículos foram inseridos posteriormente.

Como eu entenderia esses versículos, ou com qual intérprete eu poderia concordar, direi mais no final de todo este artigo. Pois agora vem primeiro uma viagem pelos comentários de teólogos, de intérpretes fiéis à Bíblia, sobre este texto acerca do silêncio das mulheres.

Interpretações do movimento dos Irmãos

Seguem alguns textos que estiveram ao meu alcance. Certamente há mais textos desses autores, mas os textos citados permitem uma boa visão geral.

J. N. Darby

Notes of Readings on the Epistles to the Corinthians

O versículo 34 é o teor geral da Lei, se não for até mesmo uma lei específica. O apóstolo é inequívoco a esse respeito em Timóteo. “Não permito que a mulher ensine”, diz ele. Acho um pouco fora de lugar que uma mulher chegue até a puxar um hino; mas não tenho nada contra se ela o fizer com modéstia. Se três mulheres estivessem numa ilha deserta, eu não saberia por que não deveriam partir o pão juntas, se o fizerem em particular. Se um homem e sua esposa estão sozinhos, não vejo objeção a que partam o pão, se se sentirem livres e dispostos para isso. (J. N. Darby, Collected Writings, Expository)

Comentário de HJR: Qual lei seria, fica em aberto. Como grande conhecedor da Bíblia, ele provavelmente a teria pelo menos sugerido. Parece que ele também não a conhece.

Não aceito que uma mulher saia para evangelizar. Nunca vi uma mulher que tenha se intrometido no ensino e em assuntos eclesiásticos sem trazer desgraça sobre si mesma e sobre todos os outros. Se ela se coloca diante de um grupo para ensiná-lo, abandonou completamente o seu lugar. Lemos sobre Trifena e Trifosa, que trabalhavam no Senhor, e também sobre a amada Pérside – cada uma no seu próprio lugar de serviço. Nos Evangelhos, toda a honra é concedida às mulheres; mas o Senhor nunca enviou uma mulher para pregar; nem jamais um homem foi ungir Cristo para o seu sepultamento. A profecia das mulheres não era pregação. Havia um ensino inspirado sobre o qual elas se pronunciavam. Creio que o faziam de maneira extraordinária, como as filhas de Filipe. Mulheres podem ser usadas, assim como Maria Madalena foi enviada por Cristo aos seus discípulos. Se Cristo enviasse uma mulher para entregar uma mensagem, o melhor que ela poderia fazer seria ir e entregá-la. Era uma simples mensagem; não é um lugar de ensino; não importa qual seja a mensagem, é apenas uma mensagem. Supondo que estivesse escrita e fosse uma instrução especial, o ensino estaria na mensagem, e não no lugar de Maria Madalena. A Escritura diz: “Não permito que a mulher ensine”. Ela não deveria ensinar de modo algum. Ela pode orientar aqueles que se converteram, sem se apresentar como mestra. Ensinar significa transmitir determinadas doutrinas às pessoas que estão sob a sua autoridade.

Comentário de HJR: Darby percebe muito bem como Jesus tratava as mulheres e que Paulo as considera, no serviço do Reino de Deus, suas colaboradoras de igual valor (Romanos 16:12). Que “trabalhar no Senhor” também pode significar – e em alguns casos precisa significar – a proclamação, isso deveria ser mencionado aqui. Mas Darby coloca sobre tudo esse único versículo de 1 Timóteo 2:12, que proíbe o ensino, e o interpreta como universalmente obrigatório. Que só existe esse único versículo com essa ordem e que ele de modo algum vale de forma geral, mas se dirige a uma determinada mulher em Éfeso, que ensinava coisas erradas e, além disso, de maneira autoritária e inadequada – isso não é mencionado, e esse pensamento, que eu saiba, também não aparece em seus escritos. Simplesmente não se questionou se ele poderia realmente ter um significado tão geral.

Darby e seus contemporâneos eram filhos de seu tempo, assim como nós também somos. A época deles era melhor? A época deles também era marcada pelo espírito do tempo, que atribuía às mulheres um papel subordinado na sociedade e, de todo modo, na Igreja – sem direito a voto, sem

discursos públicos etc. Hoje isso é diferente, e isso influencia o nosso pensamento da mesma forma. Nisso é preciso observar: todo espírito do tempo pode ser, da perspectiva bíblica, em parte errado, sedutor e perigoso – o de 200 anos atrás ou o de hoje.

Jesus não enviou mulheres para pregar – com exceção da Grande Comissão, que vale para todo cristão? Fora isso, a meu ver, quase não há, se é que há, uma ordem de Jesus para pregar – à parte o envio dos Doze e dos Setenta (Lucas 9:2; 10:1-9) –, de modo que esse argumento contra a pregação das mulheres é um tanto tirado do nada.

William Kelly

Interpretação de 1 Coríntios

Esta regra é de grande importância. As mulheres estão proibidas de falar nas reuniões. Aquelas que gostam de discussão poderiam ter suposto que ali, se em algum lugar, isso lhes seria permitido. A atmosfera santa, na qual o ser humano é como um nada, na qual Deus manifesta espiritualmente a sua presença e o seu poder, poderia ter sido um lugar apropriado para mulheres santas, que sem dúvida têm dons, até mesmo o de profecia, como as quatro filhas do evangelista Filipe. (Atos 21:9.) Mas não; o apóstolo foi inspirado a proibir isso nas reuniões, naturalmente não de forma absoluta, pois todo dom deve ser exercido, mas a maneira precisa estar submetida à instrução do Senhor. A revelação divina no Antigo Testamento dava uma indicação clara da submissão geral da mulher; o Novo Testamento não é menos inequívoco no que diz respeito às reuniões. A ideia de que elas pudessem se destacar na proclamação do evangelho não passava pela cabeça de ninguém naquela época. Isso era uma violação do decoro feminino que teria chocado até os pagãos. Isso estava reservado à corrupção do que há de melhor, ao espírito renovador e aos caminhos da cristandade moderna. O apóstolo as proibiu de fazer, nessas ocasiões públicas, até mesmo uma pergunta. Se desejassem saber alguma coisa, deveriam perguntar a seus próprios maridos em casa, pois seria uma vergonha para uma mulher falar numa reunião. …

Todo o tema é concluído com a pergunta se a palavra de Deus saiu deles ou só chegou até eles. Os coríntios foram os primeiros a se desviar da ordem apostólica vigente em toda parte. Foi o começo da revolta eclesiástica. A Igreja deve ser submissa. A palavra de Deus ordena, e ordena a todas as reuniões da mesma maneira.

Sobre 1 Timóteo 2: Mas Paulo leva o seu tema um pouco mais adiante. Ele escreve: *A mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão. E não permito que a mulher ensine, nem que domine sobre o homem* (v. 11-12). Ele vai até um pouco além disso. Uma mulher pode dizer: Eu nem abuso da minha autoridade; só a exerço. Mas é exatamente isso que está errado. Ela está proibida de exercer tal autoridade. Isso vale, portanto, de forma abrangente. Não importa se a mulher é forte e o homem é fraco. Teria sido melhor se tivessem pensado nisso antes de se tornarem marido e mulher. Mas mesmo nesse caso não há desculpa. A mulher não deve exercer autoridade sobre o seu marido. Isso vale naturalmente (preciso ainda acrescentar?) para todas as outras relações.[1]

Comentário de HJR: Desde os meus 15 anos eu amei os escritos de Kelly. Aprendi muito. No entanto, perdi praticamente a confiança em suas interpretações, ou o interesse por elas, depois que a sua dureza tão impiedosa quanto infundada e a sua arrogância diante de pessoas com outras opiniões e convicções me chamaram cada vez mais a atenção e me incomodaram. Sempre é possível criticar outras opiniões, mas colocar a própria opinião e a do movimento dos Irmãos/do

dispensacionalismo/do cessacionismo acima de qualquer outra é lamentável, por mais extraordinária que tenha sido a erudição, como no caso de William Kelly.

Certamente há mais textos de Kelly sobre esses dois versículos, mas também ele se move na corrente principal do movimento dos Irmãos em seus primórdios.

Sobre os textos aqui citados é preciso dizer que eles já mostram indiretamente a dureza aqui mencionada. Pois, se naquela época até os pagãos teriam achado inconveniente que mulheres evangelizassem publicamente, isso bem pode ter mudado 1.800 anos depois. Na época dele, de fato, isso ainda não tinha mudado, mas no século XX, definitivamente sim. Então, como se pode elevar o espírito do tempo a critério de medida?

A sua suposição de uma submissão geral no Antigo Testamento é um clichê sem fundamento. Ele também não o fundamenta, talvez em outro lugar. É consequência da Queda que as mulheres tenham ficado em segundo plano na época do Antigo Testamento, não consequência da vontade de Deus. Nenhum desses irmãos percebeu esse fato, o que eu não acuso, mas no máximo lamento: eles eram, repito-me como no caso de Darby, filhos de seu tempo. Assim como a sociedade era marcada nessa "questão da mulher", assim era marcada a exegese deles. Que Deus tenha piedade. E isso apesar de haver tanta bênção nesse movimento dos Irmãos e de tanta bênção ter partido dele. Eu mesmo me beneficiei muito disso.

F. W. Grant

The Numerical Bible – 4 (v. 34-40): A regra numa criação (caída).

4 Devia haver uma exceção a essa liberdade geral. Nas reuniões, quando os santos de fato se reuniam todos, as mulheres deviam ficar caladas. Não se trata aqui da capacidade da mulher de exortar ou edificar outros, mas da questão da ordem, com a qual o apóstolo começou e que a criação estabelece. A esfera da liberdade e, poder-se-ia dizer, da soberania da mulher está no lar, isto é, é privada e não pública. Não se deve pensar que isso não ofereça um amplo espaço para o exercício de dons de todo tipo. Se a mulher apenas cultivasse mais aquilo que realmente pertence à sua esfera, quão frutífero seria o exercício dos dons com que Deus a dotou, e quantos lugares estariam abertos para ela, que o homem, por ser homem, não poderia preencher da mesma maneira! Em relação aos filhos, isso fica logo claro: com as crianças menores, a mulher continua sendo a melhor educadora, a prevista pela natureza. Deus colocou a criança nos braços de sua mãe, e não nos do pai; e isso não significa que a esfera da mulher esteja apenas em sua própria família. Há inúmeras famílias nas quais ela é introduzida por causa do seu sexo e nas quais pode se sentir plenamente em casa e encontrar ganho e recompensa abundantes pelo seu trabalho. Por meio das esposas, as mulheres têm, dessa maneira, acesso a um campo de trabalho infinito para bênçãos variadas. A esposa é o coração da casa, e a capacidade de alcançar a mulher dessa maneira é um privilégio imensurável e uma grande responsabilidade confiada a ela, que vai muito além do que outras mulheres podem fazer. Se ao menos isso fosse mais reconhecido! Não se deve pensar que o apóstolo, com essa regra, que é evidente, quisesse reduzir a mulher a um nada ou privá-la do uso dos dons com que Deus a dotou. Como foi dito, se tomarmos os próprios homens, quantos deles têm a sua esfera apropriada em algum serviço público? As mulheres, nesse sentido, estão tão pouco desqualificadas quanto o grande número dos homens. Deus designou a cada um o seu lugar, e só é preciso o espírito de amor para encontrar a sabedoria que capacita cada um a reconhecer as portas que Deus sempre abrirá àqueles que procuram servi-lo entre as pessoas.

Assim, as palavras do apóstolo, embora proibitivas num aspecto, em outro apenas nos abrem a verdadeira esfera na qual a mulher pode ser abençoada e sempre foi abençoada. Mas ele não admite discussão sobre isso. “Porventura, a palavra de Deus”, diz ele, “saiu de vocês, ou chegou somente a vocês? Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça que aquilo que lhes escrevo são mandamentos do Senhor.” Como isso é importante aqui, onde as pessoas, sobretudo nos dias de hoje, como se vê, tendem a ignorar ou a resistir àquilo que ele nos dá aqui! De fato, como podemos ver facilmente, o capítulo inteiro é em grande parte posto de lado, porque se trata de dons extraordinários que cessaram e em cujo lugar entra, no conjunto, talvez um único pregador, do qual se supõe que reúna em sua pessoa todo o restante, e ao qual a igreja, na maior parte, fica restrita. Dessa maneira se chega de fato a uma estreiteza que nunca existiu na sinagoga judaica, como se pode reconhecer facilmente pelos acontecimentos de Atos. Ali se estava disposto a convidar diversos oradores e a dar-lhes espaço, mesmo em meio às regras rígidas e à inflexibilidade do rabinismo. Atualmente, as coisas sem dúvida caminham para uma liberdade maior; infelizmente, porém, tendem ao mesmo tempo, na mesma medida, ao relaxamento e ao desprezo da palavra do apóstolo aqui. Ele é breve e decidido. “Se alguém é ignorante”, diz ele, “que seja ignorante.” Se o que eu já disse não basta para a sua iluminação, então que siga sem essa iluminação. Por outro lado, hoje certamente é preciso uma exortação à maneira dele aqui: “Portanto, irmãos, procurem com zelo profetizar.” Infelizmente, mal se sabe o que tais palavras significam; e, no entanto, a responsabilidade continua tão grande quanto sempre foi, e também a causa pela qual todos somos responsáveis, para servir. Ele encerra com as palavras simples, tão simples e tão práticas: “Tudo, porém, seja feito com decência e ordem.”[2]

Comentário de HJR: Depois de Kelly e Darby, li F. W. Grant. A Numerical Bible foi uma companheira constante e útil do meu estudo bíblico. Uma obra-prima, disponível no Logos. Dela este texto foi citado e traduzido.

Como Grant provavelmente era mais jovem do que eu sou agora quando escreveu esta obra, posso me permitir comentá-la. “Julguem todas as coisas” vale também para a chamada “boa” literatura dos Irmãos, que a mim mesmo deu tanto. Na interpretação dos versículos 34 e 35, percebe-se realmente que ele próprio parece um pouco surpreso com o rigor dessas palavras, ou seja, com a exclusão absoluta de falar, profetizar e orar. Ele a chama de “exceção”. Não, uma exceção seria se – só para explicar a palavra – digamos que as viúvas tivessem de ficar caladas, ou as mulheres com menos de 20 anos. Isso seria uma exceção. Mas excluir todo o sexo feminino não é uma exceção, e sim uma instrução inexplicável e incompreensível no contexto geral do texto de 1 Coríntios 14.

Por isso ele dedica tanto texto a tudo o que as mulheres ainda podem e devem fazer. Mas também ele cai na armadilha do espírito do tempo de sua época: as mulheres não atuam em público, exatamente como na Nova York de seu tempo. Que o espaço da mulher seja a casa corresponde ao pensamento do espírito do tempo, tanto do século I, quando surgiram os escritos do NT, quanto ao espírito do tempo até o século XX. Mas isso não é ordem da criação, é ordem social. E esta mudou muito nos últimos 50 anos. As mulheres já não atuam apenas em casa. Elas podem fazê-lo e, como boas mães, devem passar muito tempo com os filhos. Mas os filhos crescem, ficam menos em casa e, em algum momento, já não ficam mais. Portanto, ligar o silêncio das mulheres a essas ideias de trabalho doméstico, como uma espécie de justificativa para tornar o silêncio de algum modo plausível, talvez ainda me convencesse há 10 anos, mas hoje não mais. Não se encaixa de jeito nenhum.

Também ele, como todos ou a maioria, se apoia numa ordem da criação. Mas o que ela é, afinal, essa ordem? Masculino e feminino em suas características e forças específicas, complementando-se

mutuamente em pé de igualdade, sem uma submissão hierárquica unilateral que Deus nunca quis, mas que só veio com a Queda. Por isso a minha pergunta: o homem precisa da ajuda da mulher para a sua vida, só que não na reunião de culto? Por que ali ele também não precisa de um complemento por parte das mulheres que oram e profetizam? Bastante unilateral e patriarcal é a compreensão de uma ordem da criação que proíbe as mulheres de abrir a boca onde Jesus está no meio. E Jesus nunca ordenou às mulheres que ficassem caladas – também isso precisa ser mencionado neste contexto, ainda que, durante a sua vida, ainda não existisse um encontro como reunião desse tipo.

F. B. Hole

Os versículos 34 e 35 tratam do silêncio das mulheres na reunião. A ordem é muito clara, e a palavra usada para "falar" é a habitual e não significa "tagarelar", como alguns afirmaram. Esta prescrição sem dúvida vai contra o espírito do tempo. Mas, se isso for motivo para não observar a Escritura, logo não restará muito na Escritura que ainda seja observado.

O Espírito de Deus sabia de antemão como essas instruções seriam desprezadas e atacadas. Essa tendência já se mostrava em alguns em Corinto. Os versículos 36 e 37 levam a essa conclusão. A palavra de Deus tinha saído do próprio Senhor e de Seus apóstolos, e não dos coríntios. Ela chegou até eles. Eles mesmos talvez imaginassem ser pessoas espirituais. Se fossem realmente espirituais, provariam isso reconhecendo que os princípios de ordem estabelecidos por Paulo não eram ideias dele, mas mandamentos do Senhor que ele transmitia. A pedra de toque do discernimento espiritual hoje é a mesma.

Observemos bem que a palavra de Deus não sai da Igreja. Ela vem à Igreja.[3]

Comentário de HJR: Se Paulo chama isso de mandamento do Senhor, por que não o encontramos em nenhum outro lugar? No próprio Senhor? Ou nos apóstolos? Bem, o espírito simples diz: basta-nos um versículo para obedecê-lo. Isso soa muito piedoso. Aprendi com os Irmãos, e desde então pratico até hoje, a comparar Escritura com Escritura. Mas neste caso do silêncio isso não é possível. Não há nenhum texto de comparação que confirme este texto.

É um pessimismo cheio de clichês acreditar que quem dá às mulheres a possibilidade de falar logo, em consequência disso, passará por cima de ainda mais coisas da palavra de Deus ou as negará. Isso é simplesmente um absurdo.

W. W. Fereday

Da Bible Treasury (Tesouro Bíblico), volume 20, página 378, resposta a perguntas.

No que diz respeito à fala de mulheres na reunião, a Escritura é inequívoca – isso não deve acontecer. 1 Coríntios 14:34-35 não pode ser mal compreendido por aqueles que só querem fazer a vontade do Senhor. O capítulo inteiro dá aos santos a maior liberdade quando se reúnem; a única regra é que tudo deve acontecer para edificação, o que, nem preciso dizer, exige a mão condutora do Espírito Santo, sem o qual nada pode ser para proveito ou para a glória do Senhor. Então vem a exceção: "As vossas mulheres estejam caladas nas reuniões; porque não lhes é permitido falar" etc.

Essencialmente o mesmo está em 1 Timóteo 2. No versículo 8 se diz que "os homens (pois ali deveria estar o artigo definido) orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira e sem animosidade." Depois vem a palavra às mulheres: "Da mesma sorte, que as mulheres se adornem com traje modesto" etc., seguido de "As mulheres aprendam em todo o silêncio e em toda a submissão. Mas não

permito que a mulher ensine, ***nem que usurpe a autoridade do homem,*** mas que esteja em silêncio". Não duvido de que essas palavras se refiram à reunião, como 1 Coríntios 14, pois o grande objetivo da primeira carta a Timóteo é mostrar como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e fundamento da verdade (pois é assim que o versículo deveria ser, e não apenas uma instrução pessoal para Timóteo, como a Authorized Version (King James Bible) levaria a concluir).

São apresentados dois motivos pelos quais as mulheres não deveriam liderar:

(1) o lugar que Deus lhe atribuiu em sua primeira criação;

(2) o seu papel na Queda.

(1) Deus criou primeiro Adão, depois Eva, e, como se diz em 1 Coríntios 11:3, "o homem é o cabeça da mulher", nunca o contrário. Como Deus lhe deu o segundo lugar, convém a ela nunca buscar o primeiro.

(2) "Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão". Satanás introduziu o pecado por meio do vaso mais frágil (a queda de Adão não é por isso melhor nem mais desculpável, antes pior: como ele não foi enganado, pecou de olhos abertos): por isso Deus a exclui da liderança.

Outro motivo para a sua submissão ou o seu silêncio parece ser mencionado em 1 Coríntios 14:36. "Porventura, a palavra de Deus saiu de vocês, ou chegou somente a vocês?" Pese agora bem essa palavra e veja o que ela implica. A palavra de Deus vem à igreja (à mulher), não sai dela, como a Igreja Romana quer nos ensinar; a mulher cristã deve aprender o grande princípio e agir de acordo com ele, deve aprender do homem e não presumir ser a mestra do homem.

Chama a atenção que a Sagrada Escritura em parte alguma proíbe que uma mulher pregue; mas isso é fácil de explicar. Uma mulher do Oriente (e não devemos esquecer que a Bíblia foi colocada primeiro nas mãos de pessoas do Oriente) tinha um lugar retirado demais para que pudesse sequer sonhar com algo assim. Mas na reunião de Deus, onde todos os presentes são membros do único corpo e santos de Deus, ela poderia tomar para si certa medida de liberdade; daí as instruções que consideramos aqui.

Mas esse dificilmente é o ponto que ocupa algumas almas no momento; a isso chego agora. É admissível que irmãs participem de uma reunião de oração ou de um estudo bíblico? Admito sem rodeios que tais reuniões não são reuniões da igreja como tal, a não ser que, em algum momento, sejam convocadas especialmente a partir da Mesa do Senhor; mas podem as irmãs participar delas? Estou convencido: num encontro cujas portas estão abertas ao público em geral, a participação delas não é correta. Não conheço nenhuma passagem da Escritura que permita que uma mulher se apresente em público. Embora tais encontros, em sentido estrito, não sejam reuniões da igreja, sou da opinião de que os princípios valem; e numa época como a de hoje, em que as mulheres no mundo e, em certa medida, também na Igreja mudam completamente em seu comportamento (até em suas roupas), justamente aqueles que, pela graça de Deus, defendem a ordem de Deus na reunião – em muitos casos a um preço nada pequeno para si mesmos – deveriam permanecer firmes num assunto como este. Certamente as irmãs cristãs querem fazer a vontade do Senhor e não seguir o espírito do tempo, embora seja muito fácil deixar-se contagiar por ele.

As instruções de 1 Coríntios 11 são, a meu ver, de outro caráter. Ali é indiscutivelmente permitido às mulheres orar e profetizar, desde que o façam com a cabeça coberta, "por causa dos anjos". Ora, isso claramente não acontece na reunião pública, pois a mesma carta o proíbe expressamente, como vimos

(e nenhum leitor reverente da Escritura crê que a Escritura se contradiga); portanto, deve acontecer em reuniões de natureza privada. Nos primeiros tempos, mais ainda do que hoje, os crentes muitas vezes se encontravam informalmente em casas particulares e em outros lugares para orar e se edificar. A tais encontros, que não são reuniões da igreja em sentido próprio e não têm caráter público, referem-se, a meu ver, as exortações de 1 Coríntios 11. Contra isso, como posso observar, alguns têm se oposto ultimamente.

Confio que escrevi com clareza e reproduzi o pensamento do Senhor tal como foi revelado. Creio nisso, mas, se houver erros de algum modo, ficarei grato em ser corrigido, por quem quer que o Senhor escolha para isso. W. W. F.

Comentário de HJR: Nesta resposta a perguntas sobre o tema do silêncio, mistura-se mais uma vez todo o arsenal de argumentos, como também acontece muitas vezes hoje.

Por um lado, 1 Coríntios 14 é misturado sem mais nem menos com 1 Timóteo 2. Também esta última passagem se referiria à reunião. Provavelmente não é o caso, pois “em todo lugar” se refere aos lugares onde os homens se encontram e brigam, em vez de orar. A reunião pode fazer parte disso. Mas depois se diz: “Da mesma sorte, as mulheres” – o que significa que também elas devem orar em todo lugar, só que devem cuidar para não se vestir de maneira pomposa para, com isso, chamar a atenção. Depois se trata do aprender, neste caso em casa, não na reunião. E uma mulher que não aprendeu naturalmente também não deve ensinar, porque sem ter aprendido ela também não consegue. E ela não deve usurpar autoridade. Da autoridade “do homem” não há nada no texto. O que se tem em vista é um comportamento de ensino abusivo, prejudicial, coercitivo – e, como em toda a carta, a propagação de falsas doutrinas.

Embora liderar e ensinar ou falar na reunião não tenham diretamente nada a ver um com o outro, ele fundamenta que as mulheres não devem liderar com o fato de que não Eva, mas Adão foi criado primeiro. Uma ordem cronológica, porém, nunca é razão para não dever liderar. O dom é sempre o decisivo. Se um homem lidera mal, então certamente deveria fazê-lo uma mulher que o faz bem. O homem seria o cabeça, não o contrário, e por isso o líder. Infelizmente essa é uma explicação de “cabeça” que não pode ser fundamentada assim. Cabeça significa antes origem e fonte. Em Efésios 5, a cabeça é o provedor e salvador, não a autoridade ou o líder. Que um marido vá à frente de sua esposa, seja seu protetor e provedor, isso é algo bom. Mas, conforme o tipo, o caráter e o dom, os papéis podem ser diferentes. A submissão unilateral como ordem da criação continua sendo um conto de fadas em que muitos acreditam, mesmo quando não vivem de acordo com ele, quando as mulheres é que mandam em casa e só para fora se preserva a imagem piedosa.

Que a mulher foi enganada deveria então ser o motivo pelo qual nenhuma mulher do mundo pode liderar. É assim que se explica o texto de Timóteo. Isso carece de toda lógica. A carta inteira também fala de homens que são enganados por falsas doutrinas. A mulher é mais fácil de enganar e por isso não pode liderar? Naturalmente há mulheres que se deixam enganar facilmente, mas elas não se destacam por serem ou quererem ser líderes. Eva assumiu a liderança no Éden? Pode-se chamar isso assim? É um ato de liderança passar adiante um fruto? E derivar desse suposto ato de liderança uma proibição de liderar e de ensinar? E isso para toda mulher do mundo! Não, essa argumentação precisaria ao menos de um paralelo bíblico, pelo qual espero até hoje.

Hamilton Smith

(V. 34, 35). A liberdade de todos de profetizar um a um na reunião não vale para as mulheres. Elas devem ficar caladas nas reuniões. Se elas são capazes disso ou não, não está em questão. O silêncio das mulheres em público corresponde tanto à ordem da criação quanto à Lei. A esfera de liberdade da mulher está na casa. Falar em público significa cobrir-se de vergonha.

Comentário de HJR: Aprendi muito com Smith e gostei do seu estilo. Mas aqui ele consegue reunir em poucas palavras tudo o que discuti e questionei várias vezes acima.

William MacDonald

14:33 "Porque Deus não é Deus de confusão, e sim de paz." Em outras palavras, se um encontro é uma confusão total, então se pode ter *certeza* de que não é o Espírito de Deus que está agindo ali!

14:34 É de conhecimento geral que as divisões em versículos e até a pontuação do NT só foram inseridas muitos séculos depois da redação dos textos originais. A última oração do versículo 33 faz mais sentido se for vista como uma especificação do versículo 34, em vez de ser considerada uma verdade geral sobre o Deus onipresente (alguns textos originais gregos e várias edições alemãs da Bíblia usam essa pontuação). Por isso se diz na nossa tradução: "Como em todas as igrejas dos santos, as vossas mulheres estejam caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar, mas devem submeter-se, como também diz a Lei." As instruções que Paulo dá aos coríntios não valem só para eles. Os mesmos ensinamentos foram dados "a todas as igrejas dos santos". O NT testemunha em numerosas passagens que as mulheres, embora possam prestar muitos serviços valiosos, não devem ocupar uma posição de liderança na igreja local como um todo. A elas foram dadas as tarefas imensamente importantes na família e na educação dos filhos. Mas não lhes é permitido falar publicamente na igreja. A sua posição se caracteriza pela submissão ao homem.

Cremos que a expressão acrescentada ("como também diz a Lei") se refere à submissão da mulher ao homem. Essa submissão é ensinada expressamente na Lei, pela qual aqui provavelmente se entendem essencialmente os cinco livros de Moisés. Em Gênesis 3:16, por exemplo, se diz: "O teu desejo será para o teu marido, e ele te governará!"

Afirma-se muitas vezes que Paulo, neste versículo, proíbe que as mulheres conversem entre si durante o culto e troquem as últimas fofocas. Mas tal interpretação é insustentável. A palavra aqui traduzida por "falar" (laleo) não significa "tagarelar" no grego coiné. A mesma palavra é usada por Deus no versículo 21 do mesmo capítulo e em Hebreus 1:1. Ela significa: "falar com autoridade." (HJR: ??)

14:35 Às mulheres também não é permitido fazer perguntas publicamente na igreja. "Se, porém, querem aprender alguma coisa, interroguem, em casa, a seu próprio marido." Algumas mulheres talvez quisessem escapar da proibição anterior fazendo perguntas. É possível ensinar outros por meio dessas perguntas simples. Por isso este versículo fecha também essa brecha.

Se agora se pergunta como se deve aplicar isso a uma mulher solteira ou a uma viúva, a resposta é que a Escritura não trata de cada caso individual, mas apenas estabelece princípios gerais. Se uma mulher não tem marido, pode perguntar a seu pai, a seu irmão ou a um dos presbíteros da igreja. Também se poderia traduzir isto assim: "Perguntem aos homens da sua casa." A regra básica que se deve ter em mente é: "É vergonhoso para uma mulher falar na igreja."

14:36 Evidentemente, o apóstolo Paulo reconheceu que o seu ensino aqui provocaria considerável oposição. Como ele tinha razão! Para enfrentar tais contra-argumentos, ele pergunta ironicamente no versículo 36: “Porventura, a palavra de Deus se originou no meio de vocês? Ou chegou somente a vocês?” Em outras palavras: os coríntios queriam afirmar que entendiam mais deste assunto do que o apóstolo? Então ele lhes perguntou se eles, como igreja, tinham escrito “a palavra de Deus” ou se eram os únicos que a tinham recebido. Com a sua atitude, eles se constituíam a si mesmos como autoridade neste assunto. Mas o fato é que nenhuma igreja escreveu sozinha a palavra de Deus e nenhuma igreja possui um direito exclusivo sobre ela.

14:37 Em relação a todas as instruções anteriores, o apóstolo enfatiza aqui que elas não remontam às suas próprias ideias ou interpretações, mas são “mandamento do Senhor”. E todo aquele que é “profeta” do Senhor ou verdadeiramente “espiritual” também o reconhecerá. Este versículo é uma resposta suficiente àqueles que acham que alguns dos ensinamentos de Paulo (especialmente as suas instruções a respeito das mulheres) refletem os seus próprios preconceitos. Essas instruções não são as opiniões particulares de Paulo, mas o “mandamento do Senhor”.[4]

Andreas Steinmeister

Citado de: “Das Schweigen der Frauen. Eine Studie über 1. Korinther 14,34” (O silêncio das mulheres. Um estudo sobre 1 Coríntios 14:34; em alemão), www.soundwords.de

6. Em 1 Coríntios 14:26 são interpelados os “irmãos”, e no versículo 34 se diz: “As mulheres estejam caladas” (1 Coríntios 14:34). Se “irmãos” aqui significasse “irmãos e irmãs”, então isso seria uma contradição com o versículo 34. Como Paulo poderia encorajar “irmãos” e “irmãs” às coisas do versículo 26 e, ao mesmo tempo, dizer no versículo 34 que as mulheres devem ficar caladas nas reuniões, e determinar em 1 Timóteo 2:12 que as mulheres não devem ensinar?

“Pois é vergonhoso para uma mulher falar na reunião.” Aqui está a mesma palavra que em 1 Coríntios 11:6, onde se diz que é vergonhoso uma mulher ter o cabelo cortado ou raspado. Para muitas mulheres, esta última coisa já há décadas não é vergonha, porque foram ensinadas que se trata aqui de um costume cultural daquela época. Quem se admira, então, de que agora também não seja vergonha que mulheres falem nas reuniões? Para algumas mulheres também já não é assunto deixar de cobrir-se na oração e na profecia em particular e no encontro “por causa dos anjos” (não por causa de alguma cultura ou de quaisquer irmãos e irmãs). Quando já se acabou com isso há muito tempo, naturalmente não se estranha que, em 1 Coríntios 14:34, a palavra “ficar caladas” não tenha mais significado algum e, com isso, também nenhuma força espiritual.

Comentário de HJR: Andreas partiu para estar com o Senhor cedo demais e de repente. Infelizmente, por isso, não pude mais contradizê-lo – com a mesma veemência pela qual ele era conhecido.

Peter Streitenberger

Texto grego majoritário	Tradução alemã (aqui traduzida para o português)	Comentário
14,34 Αἱ γυναῖκες ὑμῶν ἐν ταῖς ἐκκλησίαις σιγάτωσαν· οὐ γὰρ ἐπιτέτραπται αὐταῖς	As vossas mulheres devem ficar caladas nas reuniões. Pois não lhes é permitido falar, mas	Com λαλέω (“falar”) é usada uma palavra diferente da de “dizer”, de modo que não se trata de se as mulheres podem dizer “bom dia” ou “amém”; é o falar no sentido de contribuições nos encontros, ou, como Paulo deixa claro

Texto grego majoritário	Tradução alemã (aqui traduzida para o português)	Comentário
λαλεῖν, ἀλλ᾽ ὑποτάσσεσθαι, καθὼς καὶ ὁ νόμος λέγει.	elas têm de se submeter, como também diz a Lei.	em 1 Timóteo, diretivas como ensino, oração, interpretação, sugestões de hinos, profecia (ou, segundo o versículo 35, fazer perguntas), já que tudo isso já está atribuído aos irmãos. O infinitivo ὑποτάσσεσθαι ("elas têm de se submeter") é usado como imperativo.
14,35 Εἰ δέ τι μαθεῖν θέλουσιν, ἐν οἴκῳ τοὺς ἰδίους ἄνδρας ἐπερωτάτωσαν· αἰσχρὸν γάρ ἐστιν γυναιξὶν ἐν ἐκκλησίᾳ λαλεῖν.	Mas, se querem aprender, devem interrogar em casa os próprios maridos. Pois é vergonhoso para mulheres falar na reunião.	A indicação de lugar ἐν οἴκῳ ("na casa, em casa") está deslocada para a esquerda e forma o contraste com o "na reunião" mencionado acima. Paulo fundamenta que as mulheres não devem falar, mas ficar caladas, com o fato de que isso é vergonhoso, isto é, é inadequado, já que a ordem da criação previu o homem como cabeça, do qual parte a autoridade (cf. 1 Coríntios 11).
14,36 Ἢ ἀφ᾽ ὑμῶν ὁ λόγος τοῦ θεοῦ ἐξῆλθεν; Ἢ εἰς ὑμᾶς μόνους κατήντησεν;	Ou foi de vocês que saiu a palavra de Deus? Ou chegou somente a vocês?	Paulo ordenou o silêncio das mulheres em todas as reuniões, de modo que agora faz as perguntas retóricas sobre se os coríntios eram os únicos a transmitir ou receber a palavra de Deus, o que, afinal, não é o caso. A palavra de Deus foi dirigida também a todos os outros, de modo que nenhuma reunião pode ter concepções diferentes das de outra.

Link para a carta inteira: (1) Der erste Korintherbrief Text und Übersetzung mit Kommentar | Peter Streitenberger - Academia.edu

Comentário de HJR: Peter defende neste contexto a conhecida doutrina dos Irmãos, sem questioná-la, embora houvesse muitos motivos para isso. Só o conhecimento bom ou muito bom da língua grega antiga, infelizmente, ainda não faz um bom intérprete da Bíblia.

Quem já trabalha com os textos/manuscritos gregos não deveria esconder dos seus leitores que esses dois versículos, nos manuscritos ocidentais, não vêm depois do versículo 33, mas no final do capítulo. Isso desperta a suspeita de uma inserção posterior, não paulina.

Arno Hohage (Irmãos Livres)

Ambos os autores seguintes são citados em trechos do livro:

Frau sein, Mann sein in der Gemeinde, Brennpunkt Frauenfrage, 2012

c. Por que ficar caladas?

Em primeiro lugar, portanto, vale a ordem da criação: as mulheres devem ficar caladas nas igrejas (1 Coríntios 14:34). Isso não vale só para as esposas, mas para todas as mulheres. Pois não se diz "as vossas mulheres". O adjetivo possessivo "vossas", que aparece em alguns manuscritos, não pode ser considerado original, mas um acréscimo que o Textus Receptus seguiu (cf. Metzger, p. 500). A ordem da criação, aqui pressuposta, vai além da família e aponta fundamentalmente para as diferenças entre homem e mulher.

Além disso, há ainda dois outros motivos para a ordem de silêncio da mulher. Eles são formulados com ênfase:

1. “Não lhe é permitido falar” (1 Coríntios 14:34). A voz passiva não menciona o autor, mas nenhuma autoridade superior, sobretudo não o Senhor, lhe deu a autorização para falar. Seria necessária uma permissão expressa!
2. É “vergonhoso para uma mulher falar na igreja”. Essa é uma palavra muito dura. Ela designa a desonra, a vergonha, o condenável … O falar da mulher provoca repulsa. Esse juízo parece duro e inadequado, de modo que simplesmente o ignoram. Mas podemos ignorar a palavra de Deus?

Quando se diz que o capítulo 11 da primeira carta aos Coríntios contradiz o capítulo 14, acusa-se o apóstolo Paulo de pensamento incoerente. Parece absurdo atribuir a um rabino erudito que se contradiga redondamente no espaço de poucas páginas, totalmente independente de partirmos do pressuposto de que estamos lidando com a palavra de Deus. A autoridade do escritor, que foi incumbido pelo Senhor (14:37), vale igualmente para ambos os capítulos. Portanto, ambos também resultam num sentido sem contradição. Na verdade, os comentários mais antigos (por exemplo, Zahn, Hodge) já mostraram a solução, a saber, que no capítulo 11 se fala à mulher no âmbito privado e no capítulo 14 à mulher na igreja. Por razões de conveniência, abandonou-se hoje essa visão, e agora se está diante de um dilema que precisa ser resolvido exegeticamente. O resultado, porém, muitas vezes é inadequado.

Embora Paulo só passe a falar do encontro da igreja em 1 Coríntios 11:17, às vezes se age como se também a primeira parte do capítulo pertencesse a isso. Se já no versículo 16 aparece a palavra “igreja”, é só para indicar que “alguém” que pertence à igreja não deve ser briguento e, por isso, deve sujeitar-se aos costumes da igreja.

Comentário de HJR: Das fileiras dos Irmãos Livres não se podia esperar que as irmãs de repente pudessem participar. Eles defendem a ordem absoluta de silêncio com a mesma ênfase que os Irmãos Exclusivos.

Hohage fundamenta essa instrução com a ordem da criação, sem que fique claro em que ela consiste, além da diferença dos sexos. Essa suposta ordem da criação, porém, vale em toda a criação. Por que não há uma determinação comparável para outras ocasiões debaixo do sol em que homens e mulheres estão reunidos? Uma diferença dos sexos em si ainda não é uma justificativa. Também se poderia argumentar – e assim é, a meu ver, também do ponto de vista bíblico – que a diferença dos sexos constitui a riqueza que Deus quer dar à sua igreja.

Para Hohage, é necessária uma permissão expressa para a participação das mulheres. A meu ver, isso não é necessário. Diante do pano de fundo de todo o NT, é tão natural que as mulheres participem que não é preciso nenhuma permissão expressa.

Por último: é vergonhoso! Imagine uma irmã, numa atitude perceptivelmente humilde, que agradece a Deus em voz alta, com palavras simples, pela redenção. Chamar isso de vergonha deve, afinal, levantar as maiores dúvidas. Caso existisse realmente uma ordem de silêncio, e com isso uma proibição de orar na reunião, então seria um deslize deixar de observar essa ordem alguma vez – mas jamais uma vergonha.

Ulrich Pletsch (Irmãos Livres)

Sobre a chamada tensão entre 1 Coríntios 11:5 e 14:34-35

O que se pode depreender dessas afirmações de Paulo?

1. Ele evidentemente vê uma oposição entre falar e submissão; isto é, ele vê o mandamento da submissão violado pelo falar da mulher na igreja.
2. Evidentemente, não é permitido a uma mulher fazer perguntas ou falar na igreja.
3. Paulo faz aqui, inequivocamente, várias afirmações sobre a questão de se uma mulher deve falar ou ficar calada na igreja.
4. Paulo não deixa aqui nenhuma dúvida de que as suas afirmações se referem aos cultos na igreja.
5. Paulo formula aqui três mandamentos e uma proibição a respeito do silêncio ou do falar da mulher na igreja.
6. Só os aspectos formais (mandamento, proibição, escolha de palavras) já deixam claro que Paulo formula aqui uma afirmação doutrinária clara. Mas sobretudo as afirmações de conteúdo sublinham que se trata aqui inequivocamente de afirmações doutrinárias que dizem respeito à questão de se uma mulher pode falar na igreja ou se deve ficar calada.

Observações, conclusões e outras questões Observações 1. Afirmações doutrinárias sobre a questão de se uma mulher pode falar ou deve ficar calada na igreja encontramos exclusivamente em 1 Coríntios 14, mas não em 1 Coríntios 11.

2. Paulo menciona em 1 Coríntios 11 que mulheres oram ou profetizam. Se elas fazem isso na igreja ou não, ele não menciona em 1 Coríntios 11. (Exatamente isso é a causa e o cerne da tensão entre os dois textos!) 3. Em 1 Coríntios 14, Paulo proíbe o falar e ordena o silêncio da mulher na igreja. Em 1 Coríntios 11 não se encontra nenhuma afirmação que atenue ou até invalide essas proibições ou esse mandamento.

Conclusões

1. Em 1 Coríntios 11, Paulo não está de modo algum preocupado com a questão de se as mulheres oram na igreja ou não. Ele está preocupado com a questão do que as mulheres devem observar ao orar ou profetizar. Se isso acontece na igreja ou não, aqui não é o seu tema.
2. Afirmações doutrinárias sobre a nossa questão, no que diz respeito à participação das mulheres nas nossas reuniões da igreja, encontram-se exclusivamente em 1 Coríntios 14.
3. Quanto à nossa questão a respeito da participação das mulheres nas nossas reuniões da igreja, 1 Coríntios 14 é inequivocamente a passagem bíblica mais clara. Por isso, 1 Coríntios 11 deve ser explicado a partir de 1 Coríntios 14, e não o contrário!
4. A exigência de que toda preferência por 1 Coríntios 14 tenha de explicar como ela se relaciona com 1 Coríntios 11 é justificada, mas neste momento não desempenha papel algum. Para dar peso às passagens bíblicas no que diz respeito às suas afirmações sobre a questão acima mencionada, não é preciso explicar como 1 Coríntios 11 poderia ser entendido a partir de 1 Coríntios 14. Aqui é preciso primeiro constatar que 1 Coríntios 14 faz inequivocamente as afirmações mais claras e de maior peso sobre a nossa questão. Que conclusões daí resultam para a prática e a que construções auxiliares eventualmente se tem de recorrer não é relevante neste ponto. Neste ponto se decide se as afirmações das duas passagens bíblicas são ponderadas e avaliadas com base numa comparação de textos ou com base numa pré-compreensão.

Outras questões

1. Como se deve entender a ordem de silêncio ou a proibição de falar em 1 Coríntios 14:34-35 no contexto do capítulo inteiro?

Aqui é preciso constatar de antemão que a abordagem do "silêncio condicionado" resulta da tentativa de explicar 1 Coríntios 14 a partir de 1 Coríntios 11. Como, porém, 1 Coríntios 14 faz as afirmações mais claras e de maior peso sobre a questão, essa abordagem é o produto de uma pré-compreensão, ou uma construção auxiliar que é colocada acima das afirmações propriamente ditas do texto.

2. A ordem de silêncio ou a proibição de falar em 1 Coríntios 14 abrange o orar ou profetizar de 1 Coríntios 11?

Se 1 Coríntios 14 é a passagem de maior peso – e inequivocamente é (!) –, então a ordem de silêncio ou a proibição de falar precisam incluir o orar ou profetizar de 1 Coríntios 11, quando se trata do encontro como igreja.

A questão aqui não é se a ordem de silêncio ou a proibição de falar em 1 Coríntios 14 deve ser entendida de forma restrita à luz de 1 Coríntios 11! 1 Coríntios 14 não é interpretado à luz de 1 Coríntios 11, mas o contrário: 1 Coríntios 11 deve ser interpretado à luz de 1 Coríntios 14.

[…] 4. Quem afirma que a ordem de silêncio e a proibição de falar não devem ser entendidas de forma absoluta precisa deixar claro, com a ajuda dos textos bíblicos e sem recorrer a construções auxiliares,

- que 1 Coríntios 11 trata do contexto da reunião da igreja com a mesma clareza e nitidez que 1 Coríntios 14,
- que 1 Coríntios 11, assim como 1 Coríntios 14, faz afirmações doutrinárias sobre a questão de se a mulher deve ficar calada ou pode falar na igreja,
- que e como 1 Coríntios 11 relativiza as instruções extraordinariamente claras de 1 Coríntios 14,
- que existe uma relação inequívoca entre 1 Coríntios 14:34-35 e 1 Coríntios 14:29, ou seja, que a ordem de silêncio e a proibição de falar se referem à avaliação da fala profética,
- que, no caso do silêncio da mulher, trata-se igualmente de um "silêncio condicionado", como nos versículos 28 e 30,
- que a avaliação da fala profética deve ser entendida no sentido de uma discussão ou de um comentário públicos

e que toda a igreja presente participa da avaliação da fala profética,

- que as perguntas das mulheres que querem aprender alguma coisa também se referem à avaliação da fala profética e como uma simples pergunta de compreensão deve ser considerada avaliação da fala profética.

5. A afirmação de 1 Coríntios 11:5 não é relativizada nem alterada em seu sentido quando é interpretada à luz de 1 Coríntios 14. Que as mulheres orem e profetizem não está de modo algum em questão. Se agora, pela interpretação de 1 Coríntios 14, resulta que a mulher não ora nem profetiza na reunião da igreja, isso não contradiz de forma alguma a afirmação de 1 Coríntios 11. A afirmação de 1 Coríntios 11 permanece inalterada.

6. Se, porém, 1 Coríntios 14 for interpretado à luz de 1 Coríntios 11, as afirmações de 1 Coríntios 14:34-35 terão de ser relativizadas em seu sentido.

C. Resumo final

1. Se – para excluir na medida do possível a influência das diferentes pré-compreensões – se parte de uma comparação das afirmações das duas passagens bíblicas, chega-se inevitavelmente ao resultado de que 1 Coríntios 14:34-35 é a passagem que faz explicitamente afirmações doutrinárias sobre o tema do falar ou do silêncio da mulher na igreja.
2. Com base na comparação de textos, está claro que 1 Coríntios 11 precisa ser interpretado à luz de 1 Coríntios 14. Isto é, o esclarecimento da questão a respeito do serviço da mulher na igreja começa com uma interpretação de 1 Coríntios 14.
3. A interpretação de 1 Coríntios 14 resulta na determinação inequívoca de que a mulher deve ficar calada na igreja e não falar. A ordem de silêncio e a proibição de falar abrangem todas as manifestações verbais de um indivíduo diante de toda a igreja.

Ulrich Pletsch, nascido em 1956, casado, uma filha e dois netos, é diretor de uma escola cristã de ensino fundamental e copresbítero numa igreja dos Irmãos.

Comentário de HJR: O artigo de Pletsch é a argumentação em língua alemã mais forte que conheço em favor de uma ordem absoluta de silêncio. Com fervor e com muitos argumentos se defende a ordem de silêncio. A tensão entre os dois textos – eu a chamaria de contradição – é resolvida assim: o texto posterior na carta recebe a autoridade de interpretação. Justificativa: maior clareza. Se tivéssemos só esses dois textos, então se poderia seguir essa argumentação. Mas existe um erro capital: a maior clareza dos versículos 34 e 35 só se produz quando se deixa completamente de lado o resto do capítulo 14 – e também todos os outros textos do NT que – é o que suponho – precisam pressupor tacitamente a participação vocal das irmãs.

Pais da Igreja

Charles J. Ellicott

C. J. Ellicott chama a atenção para este texto:

Versículo 34. αἱ γυναῖκες κ.τ.λ.] As mulheres devem ficar caladas nas igrejas, isto é, nas reuniões maiores e públicas da Igreja, das quais unicamente trata este capítulo: cf. v. 4, 5, 12, 16, 19, 23, 26, e veja as notas sobre o cap. 11:5. É provável que o apóstolo estivesse pensando aqui especialmente no ministério público de ensino: cf. 1 Timóteo 2:12, διδάσκειν δὲ γυναικὶ οὐκ ἐπιτρέπω. Esta regra foi cuidadosamente mantida na Igreja primitiva: veja Const. Apost. III. 6, e Conc. Carthag. IV. 99. Entre os judeus, era uma vergonha para a sinagoga quando uma mulher lia publicamente a Lei; veja Lightfoot, Hor. in h. l., Schoettg. Hor. p. 658.

Constituições Apostólicas (Livro III)

Que as mulheres não devem ensinar, porque é inconveniente; e quais mulheres seguiram o nosso Senhor.

VI. Não permitimos que as nossas mulheres ensinem na igreja (1 Coríntios 14:34), mas somente que orem e ouçam aqueles que ensinam; pois o nosso próprio Mestre e Senhor Jesus, quando nos enviou, os Doze, para fazer discípulos dos homens e das nações, em parte alguma enviou mulheres para pregar, embora não lhe faltassem tais mulheres. Pois estavam conosco a mãe do nosso Senhor e as

irmãs dele, também Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago, e Marta e Maria, as irmãs de Lázaro, Salomé e algumas outras. Pois, se fosse necessário que as mulheres ensinassem, ele mesmo lhes teria ordenado antes ensinar o povo conosco. Pois, se o cabeça da mulher é o homem (1 Coríntios 11:3), não é razoável que o resto do corpo domine a cabeça.

Strack e Billerbeck

14, 34 A: As mulheres devem ficar caladas nas reuniões.

A antiga sinagoga não proibiu às mulheres, por princípio, falar publicamente nas reuniões de culto, mas na prática o proibiu. Elas deviam participar dos cultos para ouvir e para aprender os mandamentos a partir da exposição do Targum.[5]

14, 34 B: Elas devem submeter-se, como também diz a Lei.

Provavelmente o apóstolo tinha em vista, com essas palavras, Gênesis 3:16. Mas não se deve forçar a expressão νόμος. Também o costume tradicional era considerado Torá; cf., por exemplo, RH 19a: as palavras da tradição são como palavras da Torá.

14, 35 A: Se querem aprender alguma coisa, devem interrogar em casa seus próprios maridos.

Sobre a questão de se as mulheres deveriam ser instruídas na Torá não havia unanimidade. A convicção geral era provavelmente a de que, pelo menos para o pai, não havia nenhuma obrigação de mandar instruir suas filhas na Escritura.

14, 35 B: É vergonhoso para uma mulher falar numa reunião. Cf. a palavra de Schemuël († 254): A voz na mulher é coisa vergonhosa (indecente) קול באשה ערוה; veja Berakh 24a em Mateus 5:28, p. 299.[6]

Interpretações e explicações do mundo protestante

Katharine C. Bushnell

Katharine C. Bushnell: *Wach auf, Eva!* (Desperta, Eva!) (primeira publicação em 1908, em alemão em 2020)

Reconheça a verdade bíblica do propósito original e inalterado de Deus de plena igualdade da mulher

Extrato por seções

Além disso, ele usa a formulação “não lhes é permitido”, o que significa claramente que outros, antes de Paulo, proibiram essa coisa, mas nenhum vestígio de tal proibição pode ser encontrado em parte alguma da Bíblia, a não ser justamente nessas palavras de Paulo. Com isso surge a pergunta importante: onde e por quem isso não era permitido? Gênesis 3:16 é a única referência a “a Lei” indicada nas notas de rodapé, e ela não é procedente por dois motivos. (1) Se os maridos ordenarem às suas esposas que falem em público, então elas terão de falar, se Gênesis 3:16 significa: “O teu desejo será para o teu marido, e ele te governará”. (2) Mas poucos dos membros da igreja de Corinto, se é que algum deles, conheceriam essa leitura de Gênesis 3:16, já que usavam a versão da Septuaginta. Paulo cita essa tradução quase exclusivamente nesta carta; em suas dezessete referências ao AT, ele cita claramente o texto hebraico só uma vez. Por isso os coríntios leriam o versículo assim: “Tu te voltas para o teu marido, e ele te dominará”.

Em seguida, perguntem-se: se essa única declaração de Paulo deve ser erigida como "lei" bíblica para fazer as mulheres se calarem, o que deve acontecer então com as cento e uma outras "leis" do AT que ordenam às mulheres que abram a boca, como "Digam-no os remidos do Senhor", "Louvai a Deus no seu santuário!" (repetido umas cem vezes só nos Salmos), "Celebrai com júbilo ao Senhor, todos os confins da terra! Aclamai e exultai!", "Fazei conhecidos entre os povos os seus feitos", "Todo ser que respira louve ao Senhor!", "Narrai todas as suas maravilhas!"? Pois é simplesmente impossível para os homens sustentar de forma eficaz a afirmação de que todas essas exortações e convocações do AT eram destinadas só a eles. Durante milênios isso não foi entendido nem ensinado assim. Esse zelo exagerado de certos mestres religiosos por tal interpretação de uma única frase da Escritura, que põe em questão cem ou duzentas outras declarações bíblicas (sem nenhuma tentativa de harmonizar a frase única com as outras), deveria nos advertir a não adotar a sua interpretação com pressa demais. Por que, por exemplo, tais defensores de uma aplicação literal e universal de uma única frase aqui não foram igualmente defensores de uma aplicação literal e universal da autoridade de Paulo quando ele diz que é bom que as mulheres solteiras permaneçam solteiras (1 Coríntios 7:8, 34-35)? Mas não! Essas são geralmente as mesmas pessoas que defendem que o casamento e as tarefas domésticas são a única e exclusiva vocação das mulheres. Por que não dizem que a frase "Cale-se diante dele toda a terra!" (Habacuque 2:20) deveria fechar não só a boca das mulheres, mas da igreja inteira?

Paulo se refere aqui, com as palavras "não é permitido", a uma regra que está fora da Escritura, não nela. A pergunta é: onde devemos encontrar essa regra de silêncio? O grande lexicógrafo alemão Schleusner explica em seu léxico greco-latino: a expressão "como também diz a Lei" se refere à tradição oral dos judeus. Eis as suas palavras: "As leis orais dos judeus ou tradições judaicas ... No Antigo Testamento não existe nenhum mandamento sobre este assunto", e ele cita Vitringa no sentido de que "pelas tradições judaicas era proibido que as mulheres falassem na sinagoga". Mas pensem bem! É improvável que o apóstolo Paulo citasse as tradições dos judeus e as chamasse de "a Lei", que representaria uma autoridade definitiva numa questão controversa na igreja. Ele usou grande parte de sua energia para lutar justamente contra essas "tradições" dos judeus, assim como o seu Senhor Jesus Cristo. Paulo exortou a "não dar ouvidos a fábulas judaicas, nem a mandamentos de homens desviados da verdade!" (Tito 1:14). Não, o apóstolo Paulo cita aqui o que os judaizantes da igreja de Corinto ensinam, os quais dizem que as mulheres "têm de ficar caladas" porque a lei judaica assim ensina.

Que o Talmude, diferentemente do Antigo Testamento, fazia as mulheres se calarem está fora de dúvida. "Por respeito à congregação, uma mulher não deve ler ela mesma a Lei." "É uma vergonha para uma mulher fazer ouvir a sua voz entre homens." "A voz de uma mulher é nudez imunda." Esses são alguns de muitos de seus ditos. No que diz respeito a fazer perguntas: uma judia abastada ousou certa vez perguntar ao grande R. Eliezer: "Por que o pecado do bezerro de ouro, embora tenha sido um só, deveria ser punido com uma morte tríplice?" Posso imaginar que a pergunta ultrapassava o seu tesouro de conhecimento, pois ele respondeu: "Uma mulher não deve ser sábia além da sua roca." Um certo Hircano ponderou à parte diante de R. Eleazer que a senhora assim repreendida poderia, em represália, reter o seu dízimo, e este chegava a somas consideráveis. Mas R. Eleazer replicou: "Que as palavras da Lei sejam antes queimadas do que entregues a uma mulher." Essa frase foi adotada como uma espécie de sentença legal para as gerações futuras entre os judeus.

Repito: vejo-me obrigada a crer que o apóstolo, nos versículos 34 e 35 de 1 Coríntios 14, não expressava suas próprias opiniões quando escreveu: "As mulheres [devem] ficar caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar, mas devem submeter-se, como também diz a Lei. Se, porém, querem aprender alguma coisa, perguntem em casa a seus próprios maridos; pois é vergonhoso para

uma mulher falar na igreja." Creio que essa é a linguagem dos judaizantes em Corinto, que foi relatada a Paulo e que Paulo cita para responder com as palavras: "Porventura, a palavra de Deus saiu de vocês? Ou chegou somente a vocês?" e com tudo o que se segue no final do capítulo.

O nosso caso passa em todos esses testes. Sigamos essa orientação e apliquemos os três pontos das diretrizes do Prof. Ramsay: (1) "Toda vez que Paulo alude ao conhecimento deles." – Paulo alude ao conhecimento deles no versículo 37; e no versículo 38 declara: "Mas, se alguém não reconhece isso, também ele não é reconhecido por Deus." (2) "Quando uma afirmação está em nítido contraste com o contexto imediato." – Os versículos 34 e 35 estão em nítido contraste com o versículo 31 e com o versículo 39, pois seria impossível sustentar a afirmação de que o termo "irmãos" é aplicado aqui por Paulo apenas ao sexo masculino. (3) "Quando uma afirmação está em nítido contraste com as opiniões conhecidas de Paulo." – Se o apóstolo ordenasse às mulheres "ficar caladas", isso estaria em contraste direto com o que se deve concluir de suas explicações no capítulo 11 sobre o uso do véu pelas mulheres.

A resposta de Paulo a todas essas implicâncias dos judaizantes e aos seus esforços para sustentar os seus argumentos citando a tradição oral dos judeus é: "Porventura, a palavra de Deus saiu de vocês? Ou chegou somente a vocês?" Depois, nos versículos 37-40, ele expressa a sua própria opinião sobre este tema, que é a opinião do Espírito Santo.

Então o apóstolo declara: "Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça que aquilo que lhes escrevo é mandamento do Senhor." Ele coloca aqui "o mandamento do Senhor" em oposição aos "mandamentos de homens" que a lei judaica transmitida oralmente ensinava. Em outras palavras, Paulo afirma que um verdadeiro profeta ou uma pessoa espiritual perceberia que a sua regulamentação neste assunto correspondia à Escritura, ao passo que a regulamentação dos rabinos judeus não correspondia.

Matthew Henry

Versículos 34-35

Aqui o apóstolo ordena 1. às mulheres que fiquem caladas nas reuniões públicas, e isso a tal ponto que não podem fazer perguntas na igreja para a sua própria instrução, mas devem perguntar a seus maridos em casa. Elas devem aprender em todo o silêncio e submissão; mas, diz o apóstolo, não permito que ensinem, 1 Timóteo 2:11-12. Há de fato uma indicação (cap. 11:5) de que as mulheres às vezes oravam e profetizavam em suas reuniões, o que o apóstolo naquela passagem não condena simplesmente, mas sim a maneira como o faziam, a saber, orar ou profetizar com a cabeça descoberta, o que, naquela época e naquele país, apagava a distinção entre os sexos e colocava as mulheres no mesmo nível dos homens. Mas aqui ele parece proibir todas as aparições públicas delas. Não lhes é permitido falar na igreja (v. 34), nem orando nem profetizando. O contexto parece claramente incluir esta última coisa, e isso no sentido restrito em que é entendida neste capítulo, a saber, para a pregação ou a interpretação da Escritura por inspiração. E, de fato, uma mulher profetizar nesse sentido seria ensinar, o que não combina muito bem com o seu estado de submissão. Quem ensina outros tem, nesse aspecto, uma superioridade sobre eles que não é permitida à mulher sobre o homem, e por isso ela também não pode ensinar numa igreja: não lhes permito ensinar. Mas orar e pronunciar cânticos inspirados não são ensino. E, como naquela época da Igreja havia mulheres que tinham dons espirituais desse tipo (veja Atos 21:9) e podiam estar, na reunião, sob esse impulso, teriam de reprimi-lo totalmente? Ou por que teriam esse dom, se ele jamais pudesse ser exercido

publicamente? Por essas razões, alguns pensam que essas proibições gerais devem ser entendidas apenas para os casos comuns, mas que em ocasiões extraordinárias, quando as mulheres estão sob uma influência divina e isso é sabido, pode-lhes ser concedida a liberdade de falar. Normalmente elas não deveriam ensinar, nem debater e fazer perguntas na igreja, mas aprender ali em silêncio e, quando surgissem dificuldades, perguntar a seus próprios maridos em casa. Observe: assim como é dever da mulher aprender em submissão, é dever do homem conservar a sua superioridade sendo capaz de instruí-la; se é dever dela perguntar ao marido em casa, é preocupação e dever dele ao menos esforçar-se para ser capaz de responder às perguntas dela; se é uma vergonha para ela falar na igreja, onde deveria ficar calada, é uma vergonha para ele ficar calado quando deveria falar e não ser capaz de dar resposta quando ela lhe pergunta em casa. 2. Temos aqui o motivo deste mandamento: é lei e mandamento de Deus que elas sejam obedientes (v. 34); elas estão submetidas ao homem, e é uma vergonha para elas fazer qualquer coisa que pareça uma pretensão de troca de posição, o que o falar em público parecia significar, pelo menos naquela época e naquele povo, assim como, muito mais ainda, o ensinar em público: de modo que o apóstolo conclui que é uma vergonha para as mulheres falar na igreja, na reunião. A vergonha é a reflexão desagradável do espírito por ter feito algo indecoroso. E o que é mais indecoroso do que uma mulher abandonar a sua posição, renunciar à submissão do seu sexo ou fazer algo que, segundo a opinião geral, pareça e aparente isso? Observe: o nosso espírito e o nosso comportamento devem ser adequados à nossa condição. Devemos respeitar as distinções naturais que Deus fez. Aqueles que ele colocou sob outros não devem pôr-se no mesmo nível, nem presumir uma superioridade. A mulher foi colocada sob o homem e deve manter o seu lugar e contentar-se com ele. Por esse motivo, as mulheres têm de ficar caladas nas igrejas e não podem se arvorar em mestras; pois isso seria uma pretensão de superioridade sobre o homem.[7]

Comentário de HJR: É estranho – e não encontro isso na Escritura – que ensinar implique superioridade. Esse é mais um exemplo de quantos argumentos se mobilizam para explicar este texto. Ensinar é servir com o dom correspondente que Deus deu a alguém para proveito de outros, não como fim em si mesmo.

Warren W. Wiersbe

Em segundo lugar, as mulheres não deviam falar na reunião (1 Coríntios 14:34-35). Paulo já havia permitido às mulheres orar e profetizar (1 Coríntios 11:5), de modo que esta instrução deve se referir ao contexto imediato da avaliação das mensagens proféticas. Parece que a responsabilidade principal pela pureza doutrinária na Igreja primitiva repousava sobre os ombros dos homens, especialmente dos presbíteros (1 Timóteo 2:11-12).

O contexto dessa proibição indica que algumas das mulheres na reunião causavam problemas fazendo perguntas e talvez até provocando discussões. Paulo lembrou às mulheres casadas que se submetessem a seus maridos e deixassem que as suas perguntas fossem respondidas em casa. (Supomos que as mulheres solteiras podiam se aconselhar com os presbíteros ou com outros homens de suas próprias famílias.) Infelizmente, hoje, em lares cristãos demais, é a esposa quem precisa responder às perguntas do marido, porque ela é mais bem instruída na palavra de Deus.

A que “lei” Paulo se referia em 1 Coríntios 14:34? Provavelmente a Gênesis 3:16. (A palavra lei era um sinônimo das Escrituras do Antigo Testamento, especialmente dos cinco primeiros livros.) Em 1 Coríntios 11, Paulo havia discutido a relação entre homens e mulheres na igreja, de modo que não era necessário entrar em detalhes.

Frédéric Godet

O apóstolo considera o falar em público um ato de exercício de autoridade sobre a reunião que escuta (cf. 1 Timóteo 2:12). E como a atitude de autoridade sobre o homem está em oposição à atitude de obediência [...], ele conclui que o falar em público da mulher está em contradição com a posição que é dada pela vontade divina, tal como ela se expressa na Lei. … O silêncio das mulheres no culto é apenas uma forma de expressão da condição geral de submissão que lhes é imposta em relação ao homem. … Paulo vê no falar em público da mulher um agir contra a atitude que lhe foi atribuída pela natureza e pelo mandamento do Criador (cf. 11:1-16). … As mulheres não deveriam fazer nada que prejudique o laço de dependência que une cada uma delas a seu próprio marido.

(Tradução para o alemão: Thomas Jettel.)

Adolf Schlatter

14:34-35: *As mulheres devem ficar caladas nas reuniões da igreja. Pois não lhes é permitido falar, mas devem sujeitar-se, como também diz a Lei. Mas, se querem aprender alguma coisa, perguntem em casa aos seus próprios maridos; pois é ignominioso para uma mulher falar na reunião*. Com a grande e confiante liberdade que então caracterizava as reuniões da cristandade, pela qual todas as forças presentes na igreja eram empregadas para elas, surgiu também a questão de se essa liberdade valia para a mulher da mesma maneira que para o homem. Também neste ponto, como em muitos outros, a igreja teve primeiro de procurar o seu caminho e reconhecer por si mesma o que deveria tornar-se costume entre ela. Já pelo que Paulo disse no capítulo 11 sobre o comportamento da mulher na oração, sabemos que ele se opõe à igualdade dos dois sexos. O limite estabelecido entre eles pela natureza deve permanecer intacto na cristandade. Isso se alcança não se concedendo à mulher a palavra nas reuniões. No capítulo 11, Paulo ainda não disse isso, porque ali não falava do direito que cabe às mulheres nas reuniões, mas de como elas se comportam diante de Deus na oração ou na profecia. O profetizar não estava necessariamente ligado à reunião, e a maneira como a mulher se comporta na oração constitui uma questão totalmente à parte, com a qual a questão de se também ela deve falar não coincide. Paulo não disse que nenhuma mulher pudesse receber uma vocação profética. Se ela tem, por incumbência especial de Deus, uma palavra divina a dizer, pode fazê-lo também de outra maneira que não por meio de um discurso público. Mas, depois que Paulo disse no capítulo 11 que, mesmo em suas mais elevadas capacidades espirituais, quando ora ou profetiza, a mulher deve se comportar como mulher, de modo que nunca possa se igualar ao homem nem jamais se desfazer de sua ligação com ele ou esquecê-la, também entendemos facilmente que ele considerava ignominioso para uma mulher desejar falar nas reuniões diante dos homens e no lugar deles. Também assim ela age como se não fosse mulher, mas homem. Ao seu desejo de conhecimento Paulo presta com alegria toda ajuda; mas, para que ela chegue a um conhecimento claro e profundo da palavra divina, não é o único meio que faça perguntas ou profira discursos publicamente nas reuniões. Antes, ela converse com o seu marido sobre aquilo de que deseja esclarecimento. Ele é o mais próximo, que deve ajudá-la em todas as questões de sua vida interior, também em seu desejo de conhecer a Deus.

14:36: *Ou foi de vocês que saiu a palavra de Deus, ou chegou somente a vocês?* Também na questão da mulher era importante que não fosse uma única igreja a fazer arbitrariamente o que lhe parecia certo, mas que cada uma preservasse a concórdia com as demais igrejas e ajudasse a formar um costume geral da cristandade, válido em toda parte. Os coríntios poderiam então recusar-se, com alguma aparência de razão, a levar os outros em consideração, se fossem a primeira igreja, da qual todas as

outras receberam o evangelho, ou se fossem a única igreja. Mas agora, já que não são nem a primeira nem a única igreja, aquilo que as outras igrejas observam como certo e conveniente vale também para eles.[8]

William Barclay

Com toda a probabilidade, Paulo tinha em mente sobretudo o estado moral relaxado de Corinto e o sentimento de que não se devia fazer absolutamente nada que pudesse trazer à jovem Igreja a mais leve suspeita de imoralidade. Seria certamente muito errado arrancar essas palavras de seu contexto e transformá-las numa regra geral para a Igreja.

Paulo continua falando com certa severidade. Ele tem plena certeza de que uma pessoa, mesmo que tenha dons espirituais, não tem o direito de se rebelar contra a autoridade. Ele está consciente de que os conselhos que deu e as regras que estabeleceu procedem de Jesus Cristo e do seu Espírito, e, se uma pessoa se recusa a entendê-los, ela tem de permanecer em sua ignorância deliberada.

Leon Morris

Morris, L., *1 Corinthians: an introduction and commentary*, VII, Tyndale New Testament Commentaries

34-35. Se "como em todas as igrejas dos santos" (cf. 4:17) pertence a este versículo, Paulo exorta os coríntios a se adaptarem à prática cristã reconhecida. Se as mulheres tivessem assumido o papel de mestres, o cristianismo teria ficado desacreditado aos olhos da maioria das pessoas. Entre os gregos, era até proibido às mulheres dizer alguma coisa em público. Plutarco diz que a mulher virtuosa "deve ser modesta e guardar-se de dizer algo diante de estranhos" (Conselhos aos noivos, 31); além disso, "uma mulher deve falar ou com o seu marido ou por meio do seu marido" (ibid., 32). Paulo as exorta a observar os costumes. Mas ele faz ainda mais. Ele remete à Lei para lembrá-las de que devem submeter-se (ele não acrescenta: "a seus maridos"; é de um status geral que ele fala, cf. Efésios 5:21). A maioria pensa que ele está pensando em Gênesis 3:16 (embora também pudesse estar pensando em Gênesis 1:26ss. e 2:21ss.). O silêncio das mulheres nas igrejas é uma espécie de problema. Como Paulo aprovou o orar ou profetizar delas (11:5), a regra contra o seu falar não é absoluta (cf. Atos 2:18s.; 21:9). Moffatt defende a opinião de que Paulo "nunca proibiu uma mulher piedosa de exercer, mesmo no culto público, o dom profético que tantas mulheres possuíam na Igreja primitiva". Ele entende essa proibição como referindo-se a "mulheres que participam da discussão ou da interpretação daquilo que foi dito por um profeta ou mestre durante o culto" (Grudem, p. 249-251, concorda essencialmente, assim como Thrall e outros). Héring encontra "uma distinção clara entre uma mulher que prega … e uma mulher que está presente no culto apenas como membro comum da igreja". G. Delling vê aqui "o impedimento do falar voluntarioso" (TDNT, viii, p. 43). Calvino entendia Paulo no sentido de que uma mulher pode, sim, falar em público, mas não pode falar num culto regular. Precisamos lembrar que as mulheres do século I eram sem instrução. Os judeus consideravam pecado ensinar uma mulher, e em outros lugares a situação não era muito melhor. As mulheres coríntias deviam ficar caladas na igreja, nem que fosse só porque teriam pouca ou nenhuma coisa sensata a dizer. Não se observa com a frequência devida que o cristianismo, desde o início, partiu do pressuposto de que as mulheres aprendem tão livremente quanto os homens (cf. Lucas 10:39-42). Paulo está preocupado aqui com a maneira como as mulheres devem aprender. Ele não argumenta a favor disso; toma-o como dado. Diz simplesmente que elas devem fazer as suas perguntas a seus maridos em casa e não perturbar a

reunião. Isso violaria o decoro; seria vergonhoso (a mesma palavra que em 11:6), o que Bultmann entende como "aquilo que, segundo o juízo das pessoas, é vergonhoso" (TDNT, i, p. 190).

36. Isso parece indicar que essa prática de fato ocorria em Corinto. Mais de uma vez Paulo teve ocasião de se queixar do orgulho dos coríntios. Evidentemente, eles se sentiam livres para trilhar novos caminhos, justificados apenas pela sua própria compreensão das coisas cristãs. Diante de tal atitude, Paulo pergunta ironicamente se a palavra de Deus teve a sua origem terrena entre os coríntios ou se apenas chegou até eles. Eles não devem pensar que só eles sabem o que é cristão. Precisam atentar para os costumes e o pensamento de "todas as igrejas dos santos" (v. 33).[9]

Ben Witherington III

Conflict *and* Community *in* Corinth: *A Socio-Rhetorical Commentary on 1 and 2 Corinthians*

Durante a avaliação das profecias, algumas mulheres, provavelmente mulheres casadas, que talvez fossem elas mesmas profetisas e, portanto, tinham o direito de avaliar o que era dito, faziam perguntas, talvez perguntas inadequadas, e o culto era perturbado. Paulo exorta nos v. 34s. a não transformar o culto cristão numa rodada de perguntas e respostas. Em vista da discussão acima sobre a profecia pagã, é muito provável que essas mulheres partissem do pressuposto de que os profetas ou profetisas cristãos funcionavam de modo semelhante ao oráculo de Delfos, que só profetizava em resposta a perguntas, inclusive perguntas sobre assuntos puramente pessoais. Paulo argumenta que a profecia cristã é diferente: profetas e profetisas falam em resposta à inspiração do Espírito Santo, sem que um ser humano estimule/provoque as coisas. Paulo então restringe tais perguntas a outro lugar, a saber, a casa. Possivelmente ele sugere que o marido ou homem a ser consultado ou era profeta ou, pelo menos, estava em condições de responder a tais perguntas num momento mais apropriado.

Keener talvez tenha razão quando diz que se trata aqui de um problema pedagógico. As pessoas que faziam perguntas ainda não eram suficientemente instruídas na escola de Cristo para saber o que é adequado e o que não é no culto cristão. Paulo reafirma o direito delas de aprender, mas aponta para outro contexto. Em todo caso, Paulo corrige o abuso de um privilégio e não retira o direito de uma mulher de falar na reunião, que ele já havia concedido no cap. 11.

Craig L. Blomberg

The NIV Application Commentary: *From Biblical Text … to Contemporary Life*

Como em 11:2-16, as mulheres que Paulo faz calar só podem ser esposas. Isso explicaria por que elas não podem questionar publicamente as profecias da igreja, mas precisam consultar "seus próprios maridos" em casa (v. 35, certamente uma alusão aos maridos, como na NIV). Caso contrário, poderiam desafiar seus maridos na igreja de uma maneira que contradiria a submissão a eles ordenada por Deus (v. 34). A "Lei" não pode se referir a uma passagem específica do Antigo Testamento que prescreva às mulheres ficar caladas no culto público, já que não existe tal passagem. Provavelmente também não se refere a Gênesis 3:16, já que Paulo em nenhum outro lugar apresenta as consequências da Queda como justificativa para um comportamento cristão desejável. Antes, ele provavelmente alude à ordem e ao propósito da criação em Gênesis 2, assim como fez em 11:8-9 em relação à deferência das mulheres para com a sua cabeça.

Roy E. Ciampa e Brian S. Rosner (em: G. K. Beale / D. A. Carson [org.])

Commentary on the New Testament use of the Old Testament

Comentário sobre o uso do Antigo Testamento no Novo Testamento

14:33-35 Paulo diz que as mulheres (ou esposas) devem ficar caladas durante a reunião da igreja; não lhes é permitido falar, e elas devem submeter-se, "assim como diz a Lei" (sobre os problemas textuais, veja Niccum 1997; Thiselton 2000: 1148-50). Paulo não pode querer dizer que as mulheres não podem falar de modo algum, já que no capítulo 11 ele discute a autorização delas para orar e profetizar no culto (sobre evidências de que o tipo de silêncio deve depender do contexto, veja Grudem 1982: 242-44). Provavelmente ele quer dizer ou que as mulheres não devem participar do julgamento/avaliação das mensagens proféticas de outros (assim Grudem 1982; Carson 1987: 129 [cf. 14:29]; ou talvez especialmente as mensagens proferidas por seus próprios maridos? (cf. 14:35)), ou que elas precisam se abster de conversas que perturbam ou de conversas inadequadas (assim Paige 2002), talvez especialmente com outros homens (cf. 14:35: "Perguntem a seus próprios maridos [tous idious andras]").

A referência de Paulo ao ensino da "Lei" provavelmente tem em vista as narrativas da criação de Gênesis, com as suas implicações para a ordem e o decoro nas relações entre homem e mulher (cf. Thiselton 2000: 1153-54; Bruce 1980: 136; Carson 1987: 129; Keener 1992: 86-87; veja também o comentário sobre 1 Coríntios 11:2-16 acima). Alguns pensam que Paulo alude a Gênesis 3:16 e à afirmação ali feita à mulher de que o seu marido a governará (cf. 4Q416 2 IV, 1-8). Esse texto, porém, trata de um domínio que resulta da maldição da Queda (veja, porém, Grudem [1982: 253-54], que pensa que a fonte é Gênesis 3:16 em conexão com Gênesis 2:18-23). Muitos entendem este texto no sentido de que proíbe às mulheres (naquela época e hoje) obter "uma autoridade de ensino sobre os homens reconhecida pela igreja" (por exemplo, Carson 1987: 130). Outros creem que Paulo quer dizer com isso que a Escritura ensina quão importante é manter o respeito e a ordem no contexto do culto (aqui sobretudo o respeito das mulheres por seus maridos), mas que esse princípio poderia ser aplicado de maneira bem diferente em culturas nas quais as expectativas sociais em relação a maridos e esposas se diferenciam claramente das do mundo de Paulo.[10]

Anthony C. Thiselton

The First Epistle to the Corinthians: A Commentary on the Greek Text

33b-34 Um juízo sobre a tradução torna-se tremendamente difícil, porque está inseparavelmente ligado ao pressuposto de Paulo de que os leitores coríntios interpretariam e entenderiam palavras como σιγάτωσαν (devem ficar caladas; devem ficar quietas; devem parar de falar; não devem interromper) e λαλεῖν (falar, falar da maneira que acaba de ser descrita, falar do jeito como elas falam) de acordo com o contexto situacional, conhecido tanto pelo autor quanto pelos destinatários. Aqui, uma tradução "abstraída", baseada apenas na escolha lexical das palavras, poderia de fato violar a compreensão contextual.

Muitos argumentam que os v. 34-35 representam um slogan coríntio ou um trecho da teologia coríntia que Paulo cita para depois rejeitá-lo. Tal opinião não é rebuscada, pois Paulo parece fazer exatamente isso em 6:12; 7:1; 10:23 e talvez também em outros lugares (por exemplo, em 8:1-6).

Paulo cita uma opinião coríntia que ele rejeita?

D. W. Odell-Scott é talvez o mais associado a essa opinião, tanto num artigo de 1983 quanto numa nova resposta a Jerome Murphy-O'Connor de 1987. Manus, Flanagan e Snyder, bem como Allison, também oferecem variantes dessa opinião (veja abaixo). Odell-Scott vê na partícula-chave ἤ ("ou") no

início do v. 36 uma réplica retórica contundente ao domínio patriarcal conservador que um grupo em Corinto expressa nas palavras dos v. 34-35: “Ou foi de vocês que saiu a palavra de Deus?” (v. 36). Segundo Odell-Scott, isso pode ser entendido como uma forte refutação dos v. 34-35, de modo que o texto apoia enfaticamente a autorização das mulheres para falar na reunião pública.

(d) Com Witherington, somos da opinião de que o falar aqui mencionado designa a atividade de examinar ou avaliar as palavras de profetas, especialmente por meio de perguntas incisivas, feitas em público, sobre a teologia ou até sobre o estilo de vida do profeta. Isso seria especialmente delicado e problemático se esposas submetessem seus maridos a um interrogatório cerrado sobre o discurso e a conduta que sustentavam ou minavam a autenticidade da pretensão de anunciar uma mensagem profética, e explicaria facilmente por que Paulo reserva perguntas de determinado tipo para casa. As mulheres, nesse caso, (i) atuariam em público como juízas de seus maridos; (ii) arriscariam transformar o culto numa longa rodada de discussão, talvez com interesses privados; (iii) lutariam contra a ética do falar controlado e contido, no âmbito da qual a igreja deveria ouvir a Deus em silêncio, em vez de se dirigir zelosamente uns aos outros; e (iv) perturbariam o sentimento de respeito pela ordem da obra de Deus na criação e no mundo, em contraste com a confusão que precedeu a atividade criadora do Espírito de Deus.

Paul Ellis

A rainha silenciosa (posições Kindle 1319-1323).

10. As mulheres devem ficar caladas na igreja?

Imagino uma igreja em que as mulheres ficam quietas. Elas não cantam, não leem a Bíblia em voz alta e não participam da oração pública. Não cumprimentam os amigos nem se voltam para o vizinho para dizer olá. Quando o pastor pergunta: “Posso ouvir um ‘amém’?”, elas não lhe dão nenhum. Em vez disso, ficam mudas. Não conheço nenhuma igreja assim e, no entanto, esse parece ser o ideal do apóstolo Paulo, que disse: “As mulheres devem ficar caladas nas igrejas.”

Os gregos gostavam que suas mulheres ficassem caladas, e os rabinos e sábios judeus também.

Mas e Paulo? O apóstolo não disse: “Todos vocês podem profetizar” e “Eu gostaria que todos vocês falassem em línguas”? Não disse aos coríntios: “Quando vocês se reúnem, cada um pode trazer um hino, uma palavra, uma língua, uma interpretação”? Como cada um de vocês pode trazer um hino e uma palavra, se metade de vocês tem de ficar calada? Como todos podem profetizar, se as mulheres têm de ficar caladas?

Nesta questão, a Sagrada Escritura é cristalina:

Passagens bíblicas que indicam que as mulheres podem falar na igreja:

Atos 1:14; 2:4, 17-18; 4:31; 21:9; Romanos 12:6; 16:1, 3, 6, 12; 1 Coríntios 12:7, 11, 27; 14:5, 26-27, 29, 31, 39; 2 Coríntios 5:17; Hebreus 5:12; 1 Pedro 2:9; 4:10-11

Passagens bíblicas que sugerem que elas não podem: 1 Coríntios 14:34

O Novo Testamento está cheio de encorajamentos para que as mulheres tomem a palavra e participem plenamente da vida comunitária da igreja, e ninguém bateu esse tambor com mais força do que Paulo. Por que, então, ele de repente muda de tom e diz às mulheres em Corinto que devem ficar caladas? Ele não faz isso. Leia as palavras dele no contexto e você verá que ele não diz nada disso.

Esclarecendo o contexto

Esta é uma daquelas passagens da Escritura em que o contexto deixa tudo claro. Havia dois tipos de mulheres na igreja de Corinto: algumas eram gregas, outras eram judias. Graças a Aristóteles e a outros, as mulheres gregas estavam proibidas pela lei civil de falar em assembleias públicas, e era exatamente a essa lei que Paulo se referia. Eram as autoridades gregas, não ele, que diziam que as mulheres tinham de ficar caladas. Mas na igreja de Corinto havia também mulheres judias, de modo que é possível que Paulo aludisse a uma lei judaica. Ele poderia ter se referido a ensinamentos rabínicos que mais tarde foram codificados no Talmude: Paulo: É uma vergonha para as mulheres falar na reunião. O Talmude: É uma vergonha para uma mulher fazer ressoar a sua voz entre os homens. Segundo os rabinos, a mulher ideal era quieta e discreta. Na sinagoga, ela ficava sentada em silêncio, enquanto os homens se encarregavam de falar. Quem disse que as mulheres têm de ficar caladas? Os judeus e os gregos o disseram. Mas Paulo nunca disse isso.

Paulo nunca disse que as mulheres deveriam ficar caladas nas igrejas; os coríntios é que disseram. A passagem acima é uma citação. Ela deveria estar entre aspas, pois Paulo a está citando. Ele repete o que eles disseram – que não deveria ser permitido às mulheres falar, como prescrevem as leis gregas e judaicas – antes de dar a sua resposta: "O quê? Foi de vocês que saiu a palavra de Deus? Ou chegou somente a vocês?" Em outras palavras: "Vocês estão loucos? Acham que estão falando a partir do coração do Pai quando mandam as mulheres ficarem caladas? Acham que ouviram isso de Deus?" A proposta maluca de que metade da igreja ficasse calada enfureceu Paulo. Quase dá para ouvi-lo gritar a sua resposta. Pelo menos daria, se as Bíblias inglesas o reproduzissem corretamente. Observe como a resposta de Paulo aparece em diferentes Bíblias:

NIV: Ou foi de vocês que saiu a palavra de Deus?

AKJV: Como é? Foi de você que saiu a palavra de Deus?

Paulo explode com um "O quê?!", mas algumas Bíblias omitem essa palavra importante. Precisamos sentir o calor da indignação de Paulo. Ele não consegue acreditar no que está ouvindo. Os coríntios perderam coletivamente o juízo se acham que as mulheres deveriam ficar caladas.

A indignação de Paulo se expressa perfeitamente na tradução "The Source New Testament" (Ann Nyland): Completa bobagem! Será que a palavra de Deus vem de vocês? Puro absurdo! Vocês são os únicos a quem ela chegou?

Thomas Schirrmacher

Também os versículos de 1 Coríntios 14:34-35, tradicionalmente entendidos como ordem de silêncio para as mulheres nas reuniões da igreja[11], foram entendidos como citação ou apresentação da posição coríntia, porque, por um lado, não parecem combinar com a afirmação feita pouco antes, "*todos vocês podem profetizar, um após o outro*" (1 Coríntios 14:31), e em outros lugares se permite às mulheres profetizar e orar (1 Coríntios 11:13; cf. 11:5); em segundo lugar, porque o versículo seguinte poderia então ser entendido como refutação e exortação aos homens: "*Ou será que a palavra de Deus saiu de vocês, ou chegou somente a vocês?*" (1 Coríntios 14:36). O texto completo teria então de ser traduzido assim:

"*Porque Deus não é* [um Deus] *de desordem, mas* [um Deus] *de paz, como* [vale] *em todas as igrejas dos santos*.

As vossas mulheres devem ficar caladas nas igrejas, pois não lhes é permitido [por vocês] *falar, mas devem submeter-se, como também diz a Lei. Se, porém, querem aprender alguma coisa, perguntem em casa a seus próprios maridos, pois é vergonhoso para uma mulher falar na igreja.*

Ou será que a palavra de Deus saiu de vocês [homens ou coríntios]*, ou chegou somente a vocês?*" (1 Coríntios 14:33-36)

[Liguei 1 Coríntios 14:33b, "como em todas as igrejas dos santos", a 1 Coríntios 14:33a. Com Daniel C. Arichea e outros, parto do pressuposto de que 1 Coríntios 14:33b precisa em todo caso pertencer à frase anterior e não a 14:34a, pois do contrário as expressões 'em todas as igrejas' e 'na igreja' (14:33b; 14:34a) apareceriam duas vezes na mesma frase.[12] Ele observa que muitas traduções da Bíblia viram isso assim, também a inglesa King James Version (KJV), 'insuspeita' de influência do espírito do tempo moderno.]

Apresento brevemente alguns defensores da teoria da citação[13]. Para Neal M. Flanagan e Edwina Hunter Snyder, desempenha nisso um papel essencial ***o fato de que Paulo escreve neste versículo na forma masculina. Se Paulo em 1 Coríntios 14:36 tivesse de fato se dirigido às mulheres, não teria tido de se dirigir a elas na forma feminina?***[14]

Daniel C. Arichea e Chris Ukachukwu Manus mostraram que o 'e' (ἤ) em 1 Coríntios 14:36 introduz uma forte contradição em relação ao que precede (por exemplo, 1 Coríntios 11:22).[15]

Robert W. Allison ocupou-se adicionalmente da questão da referência à Lei em 1 Coríntios 14:34. Ele chega ao resultado de que a Lei do Antigo Testamento não contém nenhuma exigência de silêncio para as mulheres, mas a conclusão de 1 Coríntios 14:34 corresponde inteiramente à exegese rabínica de Gênesis 3:16[16], que já conhecemos no início a partir do Talmude e que também se refletiu em 1 Coríntios 11:2-16, mas que contradiz o ensino que Jesus e Paulo extraíram do Antigo Testamento.

Joyce Harper e John A. Anderson partem do pressuposto de que a referência à Lei corresponde à proibição total de falar imposta à mulher no Talmude, e de que aqui não é Paulo quem se apoia na Lei, mas mestres judeus que se apoiam indevidamente em sua interpretação da Lei[17]. Eles citam o Talmude com as palavras:

"É uma vergonha para uma mulher fazer ouvir a sua voz entre os homens."[18]

S. Aalen quis fundamentar a mesma visão com a indicação de que a formulação 'não é permitido' é uma fórmula rabínica[19], com a qual os rabinos permitiam e proibiam coisas.

Gilbert Bilezikian apresenta, entre outros, os seguintes argumentos de que em 1 Coríntios 14:34-35 se trata de uma citação dos coríntios[20]: 1) a mudança abrupta de tema[21]; 2) a contradição que de outro modo surgiria com 1 Coríntios 11:2-16[22]; 3) o contexto do texto, segundo o qual todos devem participar do culto (1 Coríntios 14:31) e todos devem buscar os dons (1 Coríntios 14:39)[23]; 4) que Paulo nunca se apoia na Lei[24] – uma afirmação que certamente não pode ficar assim e não pode ser harmonizada com o argumento seguinte; 5) que não há declarações do Antigo Testamento sobre o silêncio da mulher[25]; 6) que o 'e' grego em 1 Coríntios 14:36 introduz uma forte contradição[26] e que há muitos exemplos disso em 1 Coríntios (1 Coríntios 6:1-2; 6:9; 6:16; 6:19; 9:6; 9:8; 10:22; 11:13; 14:36)[27]; 7) a mudança abrupta do feminino em 1 Coríntios 14:35 para a segunda pessoa do masculino em 1 Coríntios 14:36[28] e, finalmente, 8) a existência de muitas citações semelhantes em 1 Coríntios (para ele: 1 Coríntios 1:12; 3:4; 6:12=10:23; 6:13; 6:18; 7:1; 8:1; 8:4; 8:8)[29].

C. H. Talbert resume de modo semelhante os motivos da teoria da citação[30] em 1 Coríntios 14:

"Dois argumentos tornam provável essa compreensão. Primeiro, o termo traduzido por 'somente' (*monous*) no v. 36 está no masculino plural. Isso exige uma paráfrase como 'somente vocês, homens'. Se 14:34-35 é a ordem de Paulo, o tratamento masculino está fora de lugar. Mas, se 14:34-35 é o argumento de um grupo masculino na comunidade coríntia, o tratamento masculino faz sentido. Segundo, 14:34-35 está em contradição tão forte com a posição de Paulo em Gálatas 3:27-28 e 1 Coríntios 11:2-16 que toda tentativa de harmonizá-los tem de levar a distorções e, na maioria das vezes, leva à teoria da interpolação para se livrar da contradição. Mas, se se entende 14:34-35 como afirmação coríntia e 14:36 como resposta indignada de Paulo, obtém-se uma coerência compreensível ..."[31]

Outros autores, por causa dessas dificuldades, consideraram sem mais 1 Coríntios 14:34-36, ou partes dele, como não paulinos, como uma inserção posterior[32]. A suposição de uma interpolação, ao contrário da situação no caso de 1 Coríntios 11:2-16, tem um ponto de apoio histórico real,[33] ainda que este, a meu ver, não baste como fundamentação da tese da interpolação, razão pela qual, por exemplo, Jerome Murphy-O'Connor, numa investigação, rejeita todas as interpolações propostas em 1 Coríntios (a saber, em 1 Coríntios 2:6-16; 4:6; 6:14; 11:3-16; 15:31-32; 15:44-48), mas infelizmente a admite em 1 Coríntios 14:34-35.

A interpolação em 1 Coríntios 14:34-35 é fundamentada, de fato, com o fato de que em alguns manuscritos mais antigos do Novo Testamento, sobretudo em 'D' (Codex Bezae [o que se quer dizer é o Codex Claromontanus]) **e, de modo geral, em toda a tradição manuscrita ocidental, a ordem de silêncio dos v. 34-35 é inserida depois do v. 40**[34]**.** Gordon D. Fee observa que em nenhum outro lugar do Novo Testamento – com exceção dos textos consideravelmente mais longos de João 8 e Marcos 16 – um trecho como esse se encontra simplesmente em vários lugares, o que só se poderia explicar se o texto tivesse estado primeiro na margem[35].

Vários dos motivos apresentados 'contra' 1 Coríntios 14:34-36, porém, a meu ver não precisam falar a favor do caráter não paulino no sentido de um acréscimo posterior, mas também podem ser explicados pelo caráter 'não paulino' no sentido de que Paulo cita os coríntios ou apresenta a visão deles. Não é por acaso que Jerome Murphy-O'Connor coloca citação e glosa lado a lado como duas soluções, antes de se decidir pela glosa[36].

Mesmo que 1 Coríntios 14:34-35 seja entendido como mandamento inequívoco e não como apresentação da opinião dos coríntios, o "ficar caladas" provavelmente se refere, como em todo o capítulo, ao falar em línguas e à profecia, ou à avaliação da profecia, mas não ao falar em geral[37]**. Quando Paulo exorta os profetas a ficarem calados (1 Coríntios 14:30), ninguém entende isso como uma proibição geral de falar, mas como o encerramento da sua profecia.**

Terran Williams

Wie Gott Frauen sieht: Das Ende des Patriarchats (Como Deus vê as mulheres: o fim do patriarcado) (p. 124). Versão Kindle da edição inglesa. A edição alemã "Wie Gott Frauen sieht" foi publicada em 2026 como livro de bolso e como e-book Kindle.

Uma passagem obscura da Escritura

Embora a Igreja precise continuar questionando as nossas interpretações da Sagrada Escritura e chegar a uma clareza e convicção cada vez maiores, é importante reconhecer que esta passagem ainda

levanta mais perguntas do que respostas. Mesmo as opiniões mais convincentes são incertas. Por isso, é preciso humildade. Se, por medo de desrespeitar a palavra de Deus, optarmos pela interpretação mais conservadora (opinião 1), então o silêncio total das mulheres teria de significar também que elas não podem cantar, já que o cantar é mencionado por Paulo como uma forma de falar. Assumir a posição do conservadorismo, mas depois proibir às mulheres apenas a avaliação de profecias ou a pregação, parece-me bastante arbitrário e incoerente. Por falar em coerência: se seguirmos a abordagem conservadora, deveríamos ser realmente coerentes e instruir todas as mulheres a deixar pronta a sua cobertura de cabeça para a próxima reunião da igreja! Como estudiosos respeitados, em sua análise deste trecho, chegam a tantas posições diferentes, certamente todos podemos concordar que este trecho é obscuro. Consequentemente – segundo qualquer bom método de interpretação –, ele não deveria constituir a base para uma conclusão doutrinária ou para um mandamento universal na prática de todas as igrejas do mundo.

Nem 1 Coríntios 11 nem 1 Coríntios 14 excluem a possibilidade de que as mulheres assumam um papel de liderança na igreja e na sociedade, estejam ao lado de seus maridos como parceiras ou preguem para homens. E isso apesar de esses mesmos versículos terem sido apresentados pelos complementaristas em defesa de sua posição.

Cynthia Long Westfall

Paul and Gender: Reclaiming the Apostle's Vision for Men and Women in Christ (p. 239). Baker Publishing Group. Versão Kindle.

7.3.4 As mulheres do século I e o seu estilo de conversa

Por que Paulo responsabilizou justamente as mulheres pela violação do princípio? Por que não se dirigiu também aos homens, que, como se sabe, também falam enquanto outros estão falando? A resposta está no comportamento típico das mulheres numa cultura separada por sexos em muitos aspectos, quando elas se reuniam não só em casa, mas também em outros contextos. Lembre-se de que os cristãos se encontravam em pequenas e íntimas igrejas domésticas, organizadas em torno de refeições comunitárias, nas quais as mulheres, independentemente de seu dom espiritual, estavam ocupadas com o preparo da comida, a distribuição da comida e a arrumação. Só isso já cria um ambiente em que as mulheres naturalmente tendem a ser barulhentas e a conversar umas com as outras, para facilitar o seu trabalho e se distrair enquanto trabalham. Mas também além disso as mulheres podiam ser perturbadoras quando se reuniam em público. Crisóstomo se dirigiu às mulheres e tratou exatamente desse problema:

Naquela época, as mulheres ficavam caladas depois de tal ensino; agora, porém, há entre elas grande barulho, muita gritaria e falatório, e em nenhum lugar tanto quanto neste lugar [a catedral]. Aqui se vê que todas falam mais do que no mercado ou nos banhos. Pois, como se viessem aqui para se recrear, estão todas ocupadas em conversar sobre coisas infrutíferas. Assim, tudo é uma confusão, e elas não parecem compreender que não podem aprender nada de útil se não ficarem quietas. Pois, se o nosso discurso [sermão] tem de lutar contra o falatório e ninguém presta atenção ao que é dito, de que lhes pode servir?

Kenneth Bailey relata experiências semelhantes que teve nos quarenta anos de sua permanência no Egito, no Líbano, em Jerusalém e em Chipre, tanto em relação ao comportamento das mulheres no

culto público quanto em relação às suas experiências pessoais ao ensinar mulheres em pequenos grupos. Ele descreve vários fatores [...].

7.3.5 A função de 1 Coríntios 14:36-40 como conclusão de 1 Coríntios 12–14 Paulo passa abruptamente para um tom mais polêmico, com perguntas retóricas afiadas que muitos supõem serem dirigidas às mulheres e servirem de conclusão a 1 Coríntios 14:34-35. Nisso, porém, é preciso observar duas coisas: os versículos 36-40 formam uma unidade, e essa unidade conclui claramente o capítulo 14 com um resumo que se refere ao falar em línguas, à profecia e ao agir com decência e ordem (v. 37, 39-40). O tema anterior dos dons espirituais e do amor forma o contexto de todas as discussões do capítulo 14, de modo que este trecho serve também de conclusão a 1 Coríntios 12–14.

Paulo confrontou e corrigiu duramente, no capítulo 14, uma série de grupos, e no versículo 36 se dirige a todos eles com o "vocês" no plural masculino (ὑμῶν, ὑμᾶς). Suas perguntas retóricas afiadas do versículo 36, portanto, não se dirigem só às mulheres, mas ele fala a todos os coríntios que acaba de corrigir. Ele conta com a possibilidade de que haja objeções a tudo o que disse sobre o falar em línguas, a profecia e sobre não falarem todos ao mesmo tempo.

7.3.6 Resumo

A instrução de Paulo às mulheres de não falar durante o culto (1 Coríntios 14:34-35) é frequentemente considerada um desafio sério para todos os que defendem as mulheres no ministério e na liderança. Poucos estudiosos, no entanto, defendem a opinião de que o silêncio das mulheres deve ser entendido como absoluto. A questão é esta: em que contexto se deve entender o tipo de silêncio, ou o que Paulo queria dizer quando disse que as mulheres não devem falar?

Antes, o contexto da situação de culto nas igrejas domésticas, o contexto dentro da carta e o contexto da cultura das mulheres são os mais importantes para determinar o significado do texto. Os contextos indicam que Paulo espera que as mulheres participem da oração e do exercício legítimo dos dons espirituais. Depois, porém, ele trata de problemas específicos que levam à desordem e à confusão durante o culto. Como nas instruções aos que falam em línguas e aos profetas, Paulo instrui as mulheres a não falar ao mesmo tempo que outros durante o culto, mas a ficar quietas e controladas, o que em todas as tradições da ética da fala é a regra de conduta. Paulo instrui os homens a ensinar suas esposas em casa, para que elas não dependam de obter respostas às suas perguntas por meio de conversas entre si ou de cochichos com seus maridos durante o culto.

Philip B. Payne

Em 17/10/2022 no Twitter

Hoje quero falar sobre algumas evidências manuscritas adicionais de que 1 Coríntios 14:34-35 é um acréscimo pós-paulino e explicar COMO, na minha opinião, ele foi acrescentado ao texto. Uma particularidade desses versículos é que, nos manuscritos antigos, eles aparecem em dois lugares diferentes. 1/12

Na maioria dos manuscritos, este trecho vem depois do versículo 33, como provavelmente também na sua Bíblia. Em TODOS os manuscritos preservados das igrejas ocidentais, porém, o trecho 34-35 vem depois do versículo 40. Com exceção de dois manuscritos não ocidentais, este trecho está depois do 33. 2/12

Esse é um motivo importante pelo qual Gordon Fee, talvez o mais famoso estudioso do texto do evangelicalismo, é da opinião de que os versículos 34-35 são um acréscimo não paulino. Como a Igreja ocidental pôde, durante 300 anos, colocar unanimemente os versículos 34-35 depois do versículo 40, enquanto o resto da Igreja os colocava depois do versículo 33? 3/12

Três possibilidades:

1. Originalmente vinha depois do v. 33, mas foi deslocado para depois do v. 40.
2. Originalmente vinha depois do v. 40, mas foi deslocado para depois do v. 33.
3. Alguém o escreveu na margem, e escribas posteriores o inseriram no texto onde lhes pareceu certo, ou depois do v. 33 ou depois do v. 40. 4/12

Em nenhum manuscrito de qualquer das cartas de Paulo há um caso em que um trecho tão longo tenha sido deslocado sem motivo aparente para um lugar tão distante. Isso torna as possibilidades 1 e 2 sem precedentes e, consequentemente, muito improváveis. 5/12

No entanto, os escribas às vezes inseriam no texto principal palavras que encontravam na margem. Para poder reconstruir corretamente o original, os estudiosos precisam examinar essas evidências e comparar manuscritos muito antigos. (Por isso os manuscritos antigos são tão importantes!) 6/12

Só há uma explicação para o fato de os versículos 34-35 aparecerem em dois lugares diferentes que se encaixa nos hábitos conhecidos dos escribas: numa fase inicial da transmissão do texto, alguém (provavelmente sob a influência do vocabulário de 1 Timóteo 2) inseriu este texto como nota explicativa na margem. 7/12

Talvez quisesse esclarecer o que considerava o sentido evidente e verdadeiro de Paulo – para que os leitores, com base no restante da carta, não supusessem que as mulheres podem falar na igreja. 8/12

Escribas posteriores que copiaram esse manuscrito supuseram que essas frases tinham sido omitidas originalmente por engano e que o manuscrito tinha sido corrigido escrevendo-se as frases na margem: o único lugar em que podiam ser inseridas depois de a página estar pronta. 9/12

Um escriba que notou as ordens de silêncio nos v. 28 e 30 inseriu a glosa no primeiro lugar em que a nova ordem de silêncio cabia (depois do v. 33). Esse manuscrito foi copiado por escribas não ocidentais. 10/12

Outro escriba achou que ela se encaixava melhor depois do v. 40, numa pausa lógica do texto. Esse manuscrito foi copiado por escribas ocidentais. Esses são os dois únicos pontos de inserção sensatos neste trecho. 11/12

Observação importante: como se trata aqui de um caso único, que não se encontra em nenhum outro manuscrito das cartas de Paulo, ele não mina a autenticidade dos demais textos. 12/12

A linha de pensamento e a estrutura da argumentação de Paulo em 1 Coríntios 14 nos dão indícios (em conjunto com as evidências manuscritas e outras evidências internas) de que 1 Coríntios 14:34-35 não procede de Paulo. Isso vale também para duas formulações atípicas no v. 34: “como também diz a Lei” e “nas igrejas”. 1/13

Ao ler o texto, você talvez perceba que os versículos 34-35 parecem surgir do nada e que o texto, sem esses versículos, flui intuitivamente melhor. Mas os problemas estruturais que os versículos 34-35 trazem consigo são ainda mais profundos. 2/13

1 Coríntios 14:1-25 é um argumento contínuo de que a profecia é mais edificante do que o falar em línguas, a não ser que o falar em línguas seja interpretado. 26-40 é uma unidade estrutural coerente que se baseia em 1-25, enumerando uma série de instruções sobre o falar em línguas/a profecia em vista da edificação. 3/13

O princípio que une essas instruções é a necessidade de ordem, e não de confusão, nos encontros de culto. A estrutura literária de 26-40 é quiástica. Um quiasmo é uma forma literária simétrica. 4/13

Numa estrutura quiástica, a primeira afirmação é paralela à última, a segunda afirmação é paralela à penúltima, e assim por diante. É importante que o ponto culminante esteja no meio de tal passagem. 5/13

Em 1 Coríntios 14:26-40, o ponto culminante diz: "Deus não é Deus de desordem, mas de paz, como em todas as igrejas dos santos." O tema desse ponto culminante está estreitamente ligado ao início e ao fim da estrutura literária. A simetria do texto é interrompida por 34-35. 6/13

A introdução do silêncio irrestrito para as mulheres em 34-35 é irrelevante para a estrutura literária, já que introduz um elemento novo depois do ponto culminante, em vez de recapitular o tema anterior da profecia, como fazem os versículos 37-39a. 7/13

34-35 não são um ponto culminante, não mencionam temas que estejam ligados à introdução ou à conclusão do trecho e também não têm um texto correspondente na estrutura quiástica do trecho. Não só estão fora de lugar na linha lógica de pensamento de Paulo, como também rompem a estrutura, de resto coerente. 8/13

Além disso, a gramática do 34 não soa paulina em dois pontos essenciais:

- "Elas não podem falar, mas têm de se submeter, como diz a Lei" não soa nada como Paulo. As únicas vezes em que Paulo usa "como diz a Lei", ele cita a lei em questão. 9/13
- Mas não só Paulo não cita aqui expressamente o Antigo Testamento, como também não há nenhuma lei do Antigo Testamento que ordene o silêncio ou a sujeição das mulheres. Esta passagem poderia se referir à lei oral judaica, que prescreve às mulheres silêncio/sujeição, ou às leis gregas, que prescreviam às mulheres ficar caladas em assembleias públicas. 10/13

Mas Paulo nunca se refere à lei oral judaica ou à lei greco-romana como "a Lei", e certamente não transforma tais prescrições em regras para o culto cristão. Ele nem sequer se apoia no direito do Antigo Testamento para estabelecer regras para o culto cristão. 11/13

2) Por fim, em nenhuma outra ordem da 1ª ou da 2ª carta aos Coríntios se dirige a uma categoria de pessoas "nas igrejas". Essa formulação combina mais com uma época posterior, quando a carta foi distribuída a todas as igrejas, e não só ao seu público original. 12/13

Amanhã vou discutir os pontos fortes e fracos de uma leitura igualitária comum de 1 Coríntios 14:34-35 – a saber, que Paulo cita outra pessoa para refutá-la em 36-38. 13/13

Paulo cita, em 1 Coríntios 14:34-35, outra pessoa para poder refutá-la em 14:36-38? Essa é uma leitura igualitária comum, defendida por muitas pessoas que respeito. Essa interpretação tem uma série de pontos fortes, mas acho que as evidências falam contra ela. 1/7

Pontos fortes:

- resolve a contradição entre 14:34-35 e o restante da 1ª carta aos Coríntios (especialmente o capítulo 11 e o restante do 14)
- explica por que a referência a “a Lei” parece inconfundivelmente não paulina
- O texto de 14:36-38 presta-se bem a refutar uma falsa profecia. 2/7

Pontos fracos:

- outras citações coríntias que Paulo refuta não são nem de longe tão longas
- nada em 36-38 exige que ele esteja refutando 34-35
- não explica por que todo manuscrito do texto ocidental coloca 34-35 depois do 40
- continua interrompendo o fluxo/a estrutura da argumentação de Paulo 3/7

Uma versão dessa interpretação afirma que o próprio Paulo (ou melhor, o seu auxiliar) escreveu 34-35 na margem, ao lado de 36-38, para mostrar que as suas palavras refutam o dito de que as mulheres devem ficar caladas. Mais tarde, os copistas foram da opinião de que isso pertencia ao texto principal. 4/7

Com isso, algumas objeções ficam suficientemente respondidas, sobretudo em relação ao fluxo ou à estrutura e ao fato de que os versículos aparecem em dois lugares nos manuscritos. Acho que as evidências indicam que 34-35 é uma interpolação escrita na margem por um escriba antigo. 5/7

Mas, de todas as interpretações que consideram 34-35 parte da carta original de Paulo aos coríntios, a mais digna de crédito é a de que Paulo escreveu na margem uma falsa profecia dos coríntios para mostrar que 36-38 a refuta. 6/7

Em todo caso, essas leituras são muito mais dignas de crédito do que a ideia de que Paulo se contradiz radicalmente na mesma carta, num espaço muito curto, ou de que podemos praticar ginástica interpretativa suficiente para dar sentido a 1 Coríntios 11 e, ao mesmo tempo, crer que 14:34-35 é uma ordem de Paulo. 7/7

Gordon D. Fee

c. Sobre o silêncio das mulheres (14:34-35)

Neste comentário, o tratamento destes versículos foi colocado propositalmente depois do v. 40, por razões que explicarei aqui. A maioria dos manuscritos (incluindo P46 A B K Ψ 0243 33 81 1739 Maj) traz estes versículos aqui; eles se encontram depois do v. 40 em D F G 88* a b d f g Ambrosiaster Sedulius Scotus, ou seja, em toda a tradição ocidental (isto é, a oeste da Grécia). Se essas frases de fato vêm de Paulo nesta carta, então estamos diante do único deslocamento dessa magnitude em cerca de mil e duzentos anos de tradição de cópias de todo o NT; simplesmente não há, em nenhum outro lugar dessa história da transmissão, nada nem de longe comparável, nem no grego nem em outras versões. De fato, o único outro “deslocamento” desse tipo em todo o NT é a inversão das duas primeiras bem-aventuranças em Mateus 5:4-5 em alguns manuscritos antigos. Esse fato em si deveria levar qualquer estudioso do NT a ter sérias dúvidas quanto à autenticidade do texto, ainda mais quando se acrescenta a linguagem notavelmente não paulina que aparece nesta passagem. Além da discussão abaixo, veja especialmente a exposição minuciosa e equilibrada dessa questão em P. B. Payne, Man and Woman, One in Christ: An Exegetical and Theological Study of Paul's Letters (Grand Rapids, 2009), 217-67, que,

como observou E. J. Epp, “é formulada com meticulosidade, argumentada de modo convincente e de importância duradoura”. Os que defendem outra opinião precisam agora responder da mesma maneira e abandonar a sua atitude muitas vezes defensiva e desdenhosa.

Assim, a própria exegese do texto, em harmonia com as questões textuais, leva à conclusão de que ele não é autêntico, sobretudo porque tanto dele contradiz aquilo que Paulo defendeu no contexto mais amplo! Se for assim, então certamente ele não é obrigatório para os cristãos posteriores. Se não for, as consideráveis dúvidas quanto à sua autenticidade deveriam servir de advertência para não usá-lo como proibição eterna numa cultura em que tal fala de mulheres na reunião não seria vergonha alguma, ainda mais à luz da afirmação objetiva anterior sobre “toda mulher que ora ou profetiza” (11:5) – o que só pode significar “em voz alta” e no contexto do povo de Deus reunido.

O que parece hermeneuticamente questionável, e no entanto é o subtexto não declarado de tanta literatura, é a negação implícita de que toda a seção circundante sobre profecia e falar em línguas se aplique à igreja contemporânea (geralmente ocidental), por razões hermenêuticas prévias, enquanto essa única passagem, provavelmente não autêntica, é escolhida como palavra para todos os tempos e para todas as situações. Na verdade, orar ou profetizar em voz alta de modo espontâneo é totalmente proibido na maioria das igrejas da “educada” cultura ocidental. Todos nós, seres humanos caídos que somos, temos facilidade para fazer essas coisas. [38]

Philip J. Abbott

Dissertação de mestrado (Master of Arts) de Philip J. Abbott, Pepperdine University, maio de 2015

Completa aqui: Bringing Order to 1 Cor 14:34-35 | Philip Abbott - Academia.edu

TRAZER ORDEM A 1 CORÍNTIOS 14:34-35

CONCLUSÃO

Embora muitos afirmem que 1 Coríntios 14:34-35 seja uma interpolação não paulina no texto das cartas de Paulo aos coríntios, essa teoria é improvável; os versículos não mostram uma atitude chauvinista que seria estranha a Paulo, como afirmam alguns estudiosos. Pelo contrário, nesses versículos Paulo exorta as mulheres de Corinto a se submeterem ao princípio da ordem que está na base da Torá. Esse argumento é apoiado pela instrução de Paulo de que as mulheres não devem acusar os seus maridos diante da igreja; tal comportamento mina a atmosfera ordenada que deve reinar no culto.

A passagem, no entanto, foi mal compreendida durante séculos, porque pressupõe o conhecimento da situação específica a que Paulo se dirigia. Nesses versículos, Paulo não deu instruções para a prática eclesiástica mundial e atemporal, mas procurou resolver um problema específico que perturbava a adoração ordenada de um pequeno grupo de cristãos em Corinto. É lamentável, porém, que muitos não compreendam o que Ben Witherington observou: “O que uma pessoa diz para corrigir um erro não pode ser considerado uma declaração completa ou definitiva da sua opinião sobre determinado tema”.

Apesar daquilo que alguns veem como clara misoginia nesses versículos, é significativo que os Pais Apostólicos (mesmo chauvinistas como Clemente de Roma) não tenham citado a passagem para silenciar as mulheres (nem sequer a tenham citado). Esse fato levou alguns a concluir, erroneamente, que a passagem seria uma inserção textual posterior; eles argumentam que a ausência de referências

aos versículos por parte dos primeiros cristãos é prova de que os versículos foram inseridos posteriormente. Clemente de Alexandria, porém, conhecia a passagem e a entendia como instrução sobre a ordem no culto para ambos os sexos. Os Pais Apostólicos provavelmente pensavam de modo semelhante. Além disso, é extremamente improvável que uma inserção que só tivesse entrado no texto depois da época dos Pais Apostólicos aparecesse em todos os manuscritos conservados da 1ª carta aos Coríntios.

O primeiro recurso conhecido a 1 Coríntios 14:34-35 para silenciar as mulheres na igreja vem do Pai da Igreja latino Tertuliano (160-220 d.C.). É significativo que ele e os Pais da Igreja ocidentais posteriores que citam essa passagem para silenciar as mulheres usem o tipo de texto ocidental, em que a passagem foi deslocada. Dificilmente isso é coincidência.

O deslocamento do texto provavelmente ocorreu no século II, quando os manuscritos eram manipulados desenfreadamente e a igreja procurava se afirmar no mundo romano. Os cristãos ocidentais procuravam harmonizar a ekklesia cristã com a ekklesia greco-romana; queriam que a igreja imitasse o Estado nas suas práticas e na sua sociabilidade. Além disso, os cristãos foram influenciados pela abordagem crítica de textos de filósofos romanos como Galeno. Isso levou muitos a interpretar e alterar textos para apoiar a sua agenda eclesiástica; procuravam alterar escritos de modo que correspondessem às suas ideias, em vez de se adaptarem aos ensinamentos dos textos.

O deslocamento de 1 Coríntios 14:34-35 provavelmente ocorreu na segunda metade do século II d.C., quando os cristãos ocidentais procuravam convencer o bispo Eleutério de Roma (que era um cristão oriental) a condenar o montanismo.

De início, Eleutério tolerou o movimento montanista e publicou uma epístola com a sua bênção para a seita. Por causa das pretensões heterodoxas de autoridade dos montanistas e do seu comportamento inadequado, porém, o bispo acabou sendo convencido por cristãos do Ocidente a revogar a sua bênção e condenar a seita. É provável que, em meio a essa controvérsia sobre o movimento montanista, os escribas do texto ocidental tenham alterado o texto ocidental para obter apoio apostólico para a condenação da profecia feminina, que tinha grande papel no montanismo por causa das suas conhecidas profetisas. Para alcançar o seu objetivo, os copistas ocidentais provavelmente deslocaram 1 Coríntios 14:34-35 alguns versículos mais para trás no texto, para retirá-lo do contexto do culto ordenado. Esse deslocamento sutil dos versículos tornou mais provável que os leitores e as leitoras aceitassem a passagem como um decreto universal de que as mulheres devem ficar caladas na igreja.

Aqui é preciso fazer um esclarecimento: não é que a passagem precise ser deslocada para ser entendida de modo misógino. Mas o deslocamento tira o texto do contexto de um culto ordenado e realça o tom aparentemente misógino do texto. A mensagem potencialmente antifeminina da passagem deslocada pode ter ajudado os cristãos ocidentais na luta contra o montanismo.

A controvérsia montanista e a “base amplamente corrompida” da transmissão textual na Roma do século II formam o pano de fundo do texto ocidental. Essa forma textual muito mutável é conhecida pelas suas paráfrases, pelos numerosos desvios das leituras originais e pelas suas reformulações textuais. Chamam especialmente a atenção, no texto ocidental, as alterações misóginas, que deixam transparecer uma agenda claramente misógina. É evidente que os autores do texto ocidental queriam manipular o Novo Testamento para promover a sua visão chauvinista da igreja. Infelizmente, tiveram

amplo sucesso nisso, mesmo com pessoas como Orígenes, que rejeitava muitas das suas leituras, mas se deixou convencer pela sua retórica misógina.

Em resumo, pode-se dizer que a controvérsia montanista e o desenvolvimento do texto ocidental, com as suas leituras misóginas, ocorreram ambos no século II; esses fatores simultâneos devem ter se influenciado mutuamente. Parece muito provável que as leituras misóginas dos textos ocidentais tenham sido uma reação a um movimento (o montanismo) que ameaçava a ideologia cristã do Ocidente. Para defender a sua posição, esses cristãos ocidentais acharam muito vantajoso, especialmente diante das pretensões divergentes de autoridade dos montanistas, garantir que os textos apostólicos de referência apoiassem as suas filosofias. Infelizmente, tanto o apelo paulino, nada provocativo, à ordem em 1 Coríntios 14:34-35 quanto as mulheres cristãs foram vítimas das suas maquinações editoriais; uma vez deslocada a passagem, ela se tornou um obstáculo e uma ordem de silêncio para as mulheres cristãs e os seus dons espirituais.

Uma tentativa de criar ordem

Sobre 1 Coríntios 14:34-35 foi escrita uma quantidade espantosa de literatura. Sobretudo porque essa passagem trata de questões de gênero, muitos têm grande interesse na mensagem e na situação textual que a cerca. A questão do papel da mulher no cristianismo atual está em jogo para muitos que procuram entender o caráter potencialmente misógino da exortação na carta de Paulo aos coríntios.

Apesar do volume e da variedade da literatura que trata de 1 Coríntios 14:34-35, é espantoso como pouca atenção receberam os manuscritos que contêm esse deslocamento. Raramente os intérpretes examinam a natureza ou a origem dos textos em que 1 Coríntios 14:34-35 está deslocado. Em vez disso, muitos simplesmente mencionam que a passagem está deslocada em alguns manuscritos e afirmam que 14:34-35 provavelmente é uma interpolação.

O título deste trabalho é “Trazer ordem a 1 Coríntios 14:34-35”. O seu objetivo é trazer à luz o ambiente social que levou à redação de 1 Coríntios 14:34-35, o seu contexto literário, a sua transposição nos textos ocidentais e o seu uso posterior como ordem de silêncio para as mulheres. O atual estado desordenado da pesquisa sobre 1 Coríntios 14:34-35 se deve em grande parte à negligência desses fatores.

Embora o presente estudo tenha procurado revelar a mensagem e a história de 1 Coríntios 14:34-35, ele também levantou alguns temas e perguntas novos, que poderiam levar a novas linhas de pesquisa. Primeiro: que práticas eclesiásticas, além da opressão das mulheres, foram ainda influenciadas por textos manipulados? A transposição de 1 Coríntios 14:34-35 certamente não é a única intervenção editorial com a qual se pretendia justificar determinada prática eclesiástica. A crítica textual serve, em geral, para esclarecer os textos originais do Novo Testamento. Mas o que ela pode dizer sobre os objetivos sociais que marcaram o cristianismo moderno? Segundo: este estudo se junta ao movimento já difundido que procura descobrir as vozes silenciadas das mulheres no cristianismo antigo. Quem eram esses primeiros crentes e o que tinham a dizer? Terceiro: este estudo pretende incentivar o leitor a examinar a sua própria prática hermenêutica. Em que medida nós também, como os Pais ocidentais na luta contra o montanismo, deformamos a Escritura? Embora a manipulação física de textos sagrados seja improvável no nosso mundo moderno, quase todo cristão é, em certa medida, culpado de tirar a Escritura do contexto e usá-la para legitimar os seus objetivos pessoais. Afinal, como leitores do Novo Testamento, precisamos avaliar as nossas próprias interpretações, tirando os antolhos da agenda pessoal e deixando a Escritura falar por si mesma.

Don Carson

Neste link é possível baixar o texto completo; aqui são citados apenas trechos:

6. "Silent in the Churches": On the Role of Women in 1 Corinthians 14:33b-36 | Bible.org

A interpretação de 1 Coríntios 14:33b-36 não é nada simples. O cerne da dificuldade está no fato de que Paulo, em 1 Coríntios 11:2-16, está perfeitamente disposto a deixar as mulheres orar e profetizar, ainda que com certas restrições; mas aqui uma primeira leitura do texto parece tornar absoluto o silêncio que ele ordena. As soluções propostas são, como os demônios em certos casos de possessão demoníaca, legião. Não posso fazer mais do que enumerar algumas delas e mencionar uma ou duas das minhas objeções, antes de me voltar para a interpretação que considero a mais segura do ponto de vista contextual e exegético.

HJR: No texto que se segue, Carson trata de questões de crítica textual e de outras questões, que não reproduzo aqui por causa da extensão. Cito apenas a sua explicação no final.

IV. Uma interpretação (de Carson) determinada pelo contexto

Outra interpretação foi exposta por diversos autores e responde às objeções levantadas contra ela. Ela foi defendida detalhadamente em outro lugar; aqui só posso esboçá-la. Paulo acaba de exortar a igreja em Corinto a avaliar cuidadosamente as profecias que lhe são apresentadas. As mulheres podem, naturalmente, participar dessas profecias; isso foi estabelecido no capítulo 11. O que Paulo quer dizer aqui, porém, é que elas não podem participar da avaliação oral dessas profecias. Isso não é permitido em nenhuma das igrejas. Nesse contexto, elas não podem falar – "como diz a Lei". Aparentemente em concordância com a opinião que faz desse apelo à "Lei" uma característica da posição coríntia, Evans acha que soaria "estranhamente atípico" de Paulo entender isso como apelo dele à Lei. Essa é uma avaliação bastante estranha, já que Paulo já apelou uma vez à "Lei" neste capítulo (cf. 14:21), referindo-se com isso às Escrituras do Antigo Testamento. Com essa frase, Paulo provavelmente não se refere a Gênesis 3:16, como muitos pensam, mas à ordem da criação em Gênesis 2:20b-24, pois Paulo se refere expressamente a esses versículos em duas outras ocasiões quando discute o papel da mulher (1 Coríntios 11:8-9; 1 Timóteo 2:13). A passagem de Gênesis 2, naturalmente, não ordena ficar calado, mas indica que, como o homem foi criado primeiro e a mulher foi criada para o homem, foi estabelecido uma espécie de padrão para os papéis que os dois assumem. Paulo depreende dessa ordem da criação que a mulher deve estar submetida ao homem – ou pelo menos que a esposa deve estar submetida ao seu marido. No contexto da avaliação de profecias em Corinto, tal submissão não poderia ser mantida se as esposas participassem dela: o primeiro marido que proferisse uma profecia desencadearia o problema.

Num sentido mais amplo, pode-se defender a opinião de que Paulo rejeitava que uma mulher exercesse sobre homens um ofício de ensino reconhecido pela igreja (1 Timóteo 2:11ss.), e a avaliação cuidadosa de profecias se enquadra nessa função de ensino. Isso não significa que as mulheres não devessem aprender: elas devem perguntar aos seus maridos sobre diversos aspectos dessas profecias quando chegarem em casa. Por que os coríntios haveriam de passar por cima não só da prática de todas as igrejas (versículo 33b), mas também da própria Sagrada Escritura (versículo 34)? Estão tão entusiasmados com as revelações que receberam que ousam colocá-las contra a transmissão autêntica na Sagrada Escritura e na tradição apostólica? E, se acham que estão apenas interpretando essa tradição sob as inspirações do Espírito, não ficam inquietos ao ver que todas as igrejas transformaram

os mesmos textos e o mesmo Evangelho numa prática eclesiástica totalmente diferente da deles? Será que vocês são os únicos a quem a palavra de Deus chegou (cf. versículo 36b)?

Algumas observações finais sobre essa interpretação poderiam se mostrar úteis. Primeiro, essa interpretação combina com o desenvolvimento do capítulo 14. Embora, na segunda parte do capítulo, a ênfase ainda esteja no falar em línguas e na profecia, ela está ainda mais estreitamente ligada à ordem que a igreja precisa manter no uso desses dons da graça. Os versículos 33b-36 se encaixam bem nessa descrição. Os versículos imediatamente anteriores tratam da avaliação de profetas; estes versículos (versículos 33b-36) refinam ainda mais essa discussão. O tema geral de 1 Coríntios 12–14 não foi abandonado, como mostram os versículos finais do capítulo 14. Não existe outra interpretação desses versículos controvertidos que se encaixe tão bem no fluxo da argumentação.

Segundo, essa interpretação faz sentido não só em relação ao desenvolvimento do texto, mas também à estrutura do texto. O capítulo 14 é dominado por uma discussão sobre o significado do falar em línguas e da profecia. A maior parte do capítulo não nos interessa aqui. Os versículos 26 e seguintes, porém, tratam claramente de diretrizes práticas para a organização desses dois dons na reunião. O versículo 26 é bastante genérico. Os versículos 27-28 tratam de restrições práticas para os que falam em línguas. No versículo 29, Paulo se volta para a profecia e escreve: “Falem dois ou três profetas, e os outros avaliem cuidadosamente o que é dito.” As duas partes desse versículo são então tratadas separadamente: a primeira parte (“Falem dois ou três profetas”) é tratada nos versículos 30-33a, em que se trata das restrições para proferir profecias; a segunda parte (“e os outros avaliem cuidadosamente o que é dito”) é tratada nos versículos 33b-36, em que se trata das restrições para a avaliação de profecias.

Terceiro, a principal objeção levantada contra ela é que parece incoerente Paulo permitir às mulheres profetizar e depois proibi-las de avaliar profecias. Essa objeção, porém, tem pouco peso quando se considera que tal profecia não tem o mesmo status de autoridade que os grandes profetas escritores do Antigo Testamento (independentemente de essa autoridade ter sido reconhecida de imediato ou não). Em outro lugar, expus detalhadamente que “profecia” no Novo Testamento é uma categoria extraordinariamente ampla, que vai da obra dos profetas pagãos (Tito 1:12) até a profecia canônica do Antigo Testamento. Na vida eclesiástica comum, ela era reconhecida como expressão inspirada pelo Espírito, mas que não oferecia garantia de autoridade divina em todos os detalhes e, por isso, não só precisava de avaliação (1 Coríntios 14:29), como também tinha necessariamente uma autoridade menor do que o depósito da verdade representado pelo apóstolo Paulo (14:37-38). Em certo sentido, portanto, é perfeitamente adequado que Paulo coloque o ensino acima da profecia, sobretudo quando o ensino é considerado parte do depósito apostólico inegociável, que serve em parte como uma das pedras de toque que permitem à igreja avaliar as profecias concedidas à igreja, e sobretudo quando as próprias profecias, diferentemente do tesouro apostólico, estão sujeitas a uma avaliação eclesiástica. Isso não significa, naturalmente, que as declarações de determinado mestre não precisem ser examinadas; não estou dizendo que a profecia precisa ser avaliada, mas o ensino não. O Novo Testamento contém passagens demais que encorajam a igreja a assumir a responsabilidade pela avaliação de mestres e do ensino (1 Timóteo 1:3; 6:3-5; Tito 1:9-14; Hebreus 13:9; 2 Pedro 2:1 etc.). Mas significa que a profecia não pode escapar de tal avaliação, e pressupõe que existe um corpo de ensino apostólico, um conteúdo determinado que é inegociável e que pode servir de critério tanto para o ensino posterior quanto para a profecia.

Quarto: isso não é tudo o que a Bíblia tem a dizer sobre as relações entre homens e mulheres em Cristo. Eu não disse nada, por exemplo, sobre o mandamento aos maridos de amarem as suas mulheres como Cristo amou a igreja – um padrão extraordinariamente elevado, marcado por uma entrega de si mesmo sem reservas. Também não enumerei as muitas coisas que Paulo espera das mulheres cristãs. Sobretudo, não dediquei espaço ao fato de que, numa ekklesia grega, isto é, numa assembleia pública, as mulheres não tinham nenhuma permissão para falar. Em contraste com isso, na ekklesia cristã, sustentadas pelo Espírito, as mulheres eram encorajadas a fazê-lo. Nesse sentido, Paulo não estava preso aos costumes sociais de Corinto: na sua própria opinião, o Evangelho realmente libertou as mulheres de certas restrições culturais. Isso, porém, não significa que com isso todas as diferenças de papéis tenham sido abolidas. Eu estaria disposto a argumentar, com uma base neotestamentária mais ampla, que os diferentes papéis que permanecem fazem parte, para Paulo, da vida nesta ordem criada, na tensão entre o "já agora" e o "ainda não" – no tempo entre o dom do Espírito escatológico e a consumação de todas as coisas, quando ninguém se casará nem se dará em casamento.

E quinto: se essa interpretação estiver correta e houver algumas diferenças de papéis entre homens e mulheres a serem observadas, é importante reconhecer que esse ensino é para o nosso bem, não para a nossa escravização. Esse é um tema que eu gostaria de aprofundar, mas não vou desenvolvê-lo mais aqui.

Copyright 1997 Council on Biblical Manhood and Womanhood (CBMW). Todos os direitos reservados.

Comentário HJR: Quando, há mais de 10 anos, descobri os livros de Carson, foi como encontrar um tesouro. A sua agudeza de pensamento, aliada à fidelidade à Palavra de Deus, e a sua profundidade de pensamento ainda me impressionam. Gosto de compará-lo a William Kelly, que mencionei no início. De fato, ele também compartilha, seja lá por que motivo, as fraquezas de Kelly.

Na sua interpretação dos dois versículos no seu contexto, Carson consegue dispensar totalmente um pano de fundo cultural a que Paulo pudesse estar se referindo. De fato, ele oferece uma interpretação coerente, que, no entanto, não torna o silêncio absoluto, mas (como, por exemplo, Witherington) o limita à avaliação das profecias. O argumento principal é a ordem da criação. A Lei se referiria ao fato de que o homem foi criado primeiro e a mulher como ajuda para ele. Isso teria criado uma ordem estrutural e hierárquica e uma distribuição de papéis em que a mulher está submetida ao homem. Esse é o motivo pelo qual ela não deve ensinar o homem. A avaliação de uma profecia acontece com base no ensino apostólico conhecido e por meio dele. (Aqui surge uma pergunta: Carson admite que uma mulher pode profetizar. Ela pode então avaliar a sua própria profecia? Nesse caso, ela não estaria "ensinando" um homem, mas uma mulher.)

Embora a interpretação pareça muito consistente, proponho para reflexão o seguinte, ou melhor, tenho as seguintes objeções:

O versículo 34 pode ser entendido como ordem absoluta de silêncio, ainda que isso contradiga 1 Coríntios 11:5 e todo o capítulo 14 e, assim, não faça sentido.

A interpretação de Carson se baseia num pressuposto sem o qual ele não chegaria a ela: haveria uma submissão da mulher ao homem estabelecida na criação, portanto desejada por Deus. Se não fosse assim, ele não poderia interpretar esses dois versículos da maneira como interpreta.

Neste ponto, os caminhos se separam. De Gênesis 2 não se pode depreender, nem direta nem indiretamente, tal diferença de posição entre homem e mulher. Antes, o contrário!

De 1 Coríntios 11 isso também não se pode deduzir; também aqui, o contrário. A afirmação central desse capítulo é (1 Coríntios 11:11-12):

11 No entanto, no Senhor, nem a mulher é independente do homem, nem o homem independente da mulher. 12 Porque, assim como a mulher veio do homem, assim também o homem nasce da mulher; mas tudo vem de Deus.

O ser cabeça do homem não mostra a sua autoridade, mas o fato expresso neste versículo: a mulher foi tomada do homem, ou teve nele a sua origem; ela lhe foi dada como auxiliadora, não subordinada, mas em igualdade, no mesmo nível.

De 1 Timóteo 2 se poderia deduzir a desigualdade. Se Carson qualifica os dois versículos de 1 Coríntios 14 como nada simples, isso vale ainda mais para este texto.

11 A mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão. 12 Mas não permito à mulher ensinar nem exercer domínio sobre o homem, mas que esteja em silêncio, 13 porque primeiro foi formado Adão, depois Eva; 14 e Adão não foi enganado, mas a mulher foi enganada e caiu em transgressão.

Evidentemente, como mostra a 1ª carta a Timóteo, havia problemas sérios na igreja de Éfeso. Entre outras coisas, havia ali, ao que parece, uma determinada mulher que fazia exatamente o contrário daquilo que aqui se exige. Ela não aprendia primeiro, mas ensinava de maneira arrogante, provavelmente ainda por cima um falso ensino.

Assim, ela não era ajuda para o seu marido nem para qualquer outro homem a quem ensinava. Exercer domínio, aqui, não é autoridade de ensino, nem uma autoridade saudável ou desejada por Deus. Significa antes usurpar autoridade, como hoje também se encontra em traduções inglesas da Bíblia.

O fato de Adão ter sido criado primeiro não gera autoridade. Os animais também foram criados antes dele. Como exemplo para essa mulher em Éfeso, Paulo menciona Eva, que foi enganada. Com isso, ele descreve o que aconteceu com essa mulher e o que, afinal, pode acontecer com qualquer mulher e com qualquer homem. Todos podem ser seduzidos.

Adão recebeu o mandamento quando Eva ainda não existia. Ele deveria tê-la instruído melhor, e ela talvez devesse ter se deixado instruir melhor.

Deduzir disso uma proibição geral de ensinar para as mulheres não é, para dizer o mínimo, plausível e contradiz outros textos que implicam que mulheres ensinavam (Priscila, entre outras).

Por fim: como Carson explica a palavra “vergonhoso” fica em aberto. Seria então vergonhoso uma mulher avaliar a profecia de um homem? E também se ela avaliar a profecia de uma mulher? Vergonhoso diante de Deus ou para o contexto cultural?

Eckhard J. Schnabel

Schnabel, E. J., *Der erste Brief des Paulus an die Korinther*

Historisch-Theologische Auslegung Neues Testament, SCM R. Brockhaus/Brunnen Verlag, Witten/Gießen, 4ª ed. 2018

34 A instrução **As mulheres devem ficar caladas nas reuniões da igreja** é entendida por alguns no sentido de que as mulheres não podem participar de modo algum dos cultos públicos com contribuições faladas. Outros consideram a afirmação tão problemática que não acreditam que Paulo tenha dado essa instrução, com o resultado de que os v. 34–35 são eliminados como glosa não paulina.

A **primeira posição** foi defendida desde a Igreja Antiga até os reformadores, sendo que Lutero, Spener, Zinzendorf e outros admitiam exceções, por exemplo em situações em que não há homens presentes. Alguns grupos e confissões cristãos defendem essa posição até hoje e excluem as mulheres, por exemplo, da participação na leitura da Escritura ou da participação na Ceia do Senhor. Alguns intérpretes (homens e mulheres) que consideram os v. 34–35 autênticos veem nessas afirmações uma prova da atitude misógina de Paulo e do chauvinismo masculino da Bíblia em geral.

Muitos intérpretes eliminam a chamada passagem *mulier taceat* como glosa ou interpolação não paulina – seja os v. 34–35, seja os v. 33b–35, seja os v. 33b–36. Para essa operação de crítica das fontes, alegam-se razões de crítica textual e de crítica literária. Para a discussão dos dados dos manuscritos, veja acima, em Observações de crítica textual: se se aplicam os critérios habituais, não pode haver dúvida de que esses versículos pertenciam ao texto original da carta. As razões de crítica literária dizem respeito 1. ao argumento de que os v. 34–35 interromperiam a linha de pensamento; 2. à referência ao contexto, em que se fala de glossolalia e profecia e da sua contribuição para a edificação da igreja, enquanto nos v. 34–35 não se falaria de nada disso; 3. a expressões supostamente não paulinas; 4. **à contradição entre os v. 34–35 e 11:5, que é considerada o argumento decisivo, qualificada de "evidente" e frequentemente associada ao juízo de que ela "de modo algum" pode ser resolvida**. É reveladora a afirmação de que o enunciado dos v. 34–35, mesmo que remontasse a Paulo, não teria "legitimidade teológica", porque falta uma justificação compreensível, de que se precisaria para uma instrução parenética concreta. Essas objeções serão respondidas no decorrer da exegese.

É sempre um ato de desespero eliminar como glosa um texto que evidentemente pertence ao texto original de um documento existente. Nem posições teológicas nem a political correctness são critérios capazes de responder com confiabilidade suficiente a questões de autenticidade literária. Os exegetas não produzem eles mesmos o texto que têm de interpretar; eles encontram o texto já dado e precisam explicá-lo da melhor forma possível. A busca de soluções, que se espera encontrar por meio de comparações com afirmações semelhantes do autor e de cuidadosas análises do contexto, é algo natural para historiadores. **Em textos difíceis, às vezes é preciso contentar-se com explicações que são plausíveis, mas talvez não totalmente satisfatórias.** ***A eliminação de um texto difícil é uma ultima ratio que, no juízo de muitos exegetas (e não apenas conservadores), é desnecessária no caso dos v. 34–35.***

Algumas propostas que procuram explicar os v. 34–35 como texto paulino não são plausíveis.

1. As afirmações em 11:5 e em 14:34–35 refletem diferentes etapas da correspondência coríntia; a ordem de silêncio pertence a uma carta posterior, na qual Paulo, com base em informações mais recentes, se viu obrigado a tomar medidas mais rigorosas para refrear o entusiasmo em Corinto. Deixando de lado a problemática hipótese de divisão, essa explicação fracassa diante do apelo às outras igrejas em 11:16 e em 14:33b.

2. O texto dos v. 34–35 foi escrito por Paulo, mas não como opinião dele, e sim **como citação** da carta dos coríntios, na qual chauvinistas masculinos queriam proibir as mulheres de falar; no v. 36 ele

rejeita essa posição. ***No teor do texto não há indícios que comuniquem ao leitor que os v. 34–35 seriam uma citação e o v. 36 o comentário de Paulo.***

3. Em 11:5, Paulo faz uma concessão à participação das mulheres, ainda que a contragosto, e no contexto da questão do véu ou do penteado; em 14:34–35 ouvimos a sua verdadeira opinião. Que 11:5 seja uma concessão, porém, não se pode verificar nem pelo teor nem pelo contexto.

4. Em 11:5 trata-se de devoções domésticas privadas; em 14:34–35, do culto público. No cap. 11, porém, trata-se o tempo todo das reuniões da igreja, que naquela época se reuniam em casas, ou seja, não havia diferença entre reuniões nas casas e reuniões da igreja.

5. Em 11:5 fala-se de mulheres solteiras, que podem profetizar publicamente, ao passo que em 14:34–35 se fala de mulheres casadas. Ambas são suposições que não decorrem necessariamente do texto e que, sobretudo em relação a 11:5, não são plausíveis.

6. Entre reformadores e pietistas, encontra-se com frequência a explicação de que em 11:5 se fala de mulheres que exercem um ofício e que podem orar e profetizar publicamente, e em 14:34–35 de mulheres sem ofício na igreja. Tal distinção nem se reconhece no texto nem é plausível para as igrejas cristãs do século I.

7. Paulo segue a tradição rabínica, segundo a qual as mulheres não exerciam funções oficiais no culto nem podiam fazer perguntas na casa de estudo. Deixando de lado a problemática da datação dos textos rabínicos relevantes, também essa explicação não se sustenta: em 1 Coríntios, Paulo não distingue em lugar nenhum entre funções oficiais e não oficiais.

8. Em 14:34–35, Paulo impede um **falar no meio ou perguntar no meio** perturbador por parte das mulheres, e não o orar e profetizar das mulheres operado pelo Espírito. Essa explicação pressupõe que a partir do v. 33b se trata de outro problema de ordem no culto, o que não está indicado no texto. ***Também não fica claro por que Paulo só fala de mulheres que interrompem, já que se podem muito bem imaginar também homens que interrompem.***

9. Mais plausível é a proposta de que Paulo fala de diferentes papéis das mulheres na igreja, que refletem duas experiências sociais: em 11:5 trata-se do orar e profetizar no culto; em 14:34–35, de deliberações e conversas de ensino dos homens. Essa explicação de E. e W. Stegemann reconhece corretamente **que entram em jogo convenções culturais em que os conceitos de honra dos homens e a vergonha da mulher têm um papel**; não é convincente a distinção entre "celebrações de culto" e "deliberações"; além disso, essas "deliberações", descritas como "conversas de ensino", ficam tão vagas quanto o motivo da vergonha. **A chave para a compreensão dos v. 34–35 no contexto do cap. 11 é a referência 1. à autoridade: no v. 34, Paulo fala de submissão; em 11:2–12, do homem como "cabeça" da mulher; 2. à relação das mulheres com os homens a quem podem perguntar "em casa" (v. 35); 3. à vergonha (αἰσχρός, v. 35). Nos v. 34–35 trata-se evidentemente de situações em que entram em jogo questões culturais, nas quais a relação de uma mulher com o homem responsável por ela – o marido, ou o pai, ou um tutor – e a diferença entre o comportamento em público e o comportamento "em casa" eram decisivas.** No contexto imediatamente anterior trata-se da avaliação da fala profética (v. 29–33); no contexto seguinte, no v. 37, também são mencionados profetas. ***Por isso, a explicação seguinte é a mais plausível. Na igreja de Corinto, mulheres participavam do processo pelo qual as profecias eram examinadas e avaliadas (v. 29).*** Se elas mesmas tinham o carisma da fala profética é possível, mas não necessário para a reconstrução. No decorrer dessas avaliações, houve casos em que mulheres

emitiam um juízo sobre profecias que haviam sido comunicadas pelos seus maridos, pais ou tutores. **Um questionamento crítico do *pater familias* teria sido sentido como afronta (αἰσχρός) à autoridade do marido ou do pai e como enfraquecimento da ordem da casa e, com isso, também da igreja. Paulo instrui as mulheres a fazerem em casa as perguntas que tenham a respeito das profecias dos seus maridos, pais ou tutores, para preservar a decência tanto da casa quanto da igreja.**

Uma objeção muito comum contra essa interpretação consiste na observação *de que tudo isso não está exatamente assim no texto*. Isso é correto, mas **as suposições pressupostas têm pontos de apoio claros no texto (mulheres, marido, casa, vergonha) e são histórica e culturalmente plausíveis.** A única objeção de W. Schrage, de que é "difícil justificar por que justamente o v. 29b estaria em vista e por que a competência para a profecia não incluiria também a da sua possível avaliação", não se sustenta; ela deixa de lado os critérios para o comportamento público das mulheres, que eram de importância decisiva na sociedade contemporânea.[39]

As mulheres **devem submeter-se** (ἀλλὰ ὑποτασσέσθωσαν). A conjunção adversativa ἀλλά deixa claro ***que o silêncio das mulheres tem a ver com a submissão das mulheres aos seus maridos, ou seja, não é entendido de modo "categórico" ou "geral"***.

A expressão **como também diz a Lei** (καθὼς καὶ ὁ νόμος λέγει) é relacionada por muitos a Gênesis 3:16 ("o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará"), o que, porém, é difícil, porque ali não se fala nem do silêncio da mulher nem da submissão da mulher. Também Números 12:1–15 foi proposto como texto de referência: Miriã, que tinha dom profético, foi castigada por Deus quando questionou a autoridade de Moisés, ao passo que Arão, que também questionou Moisés, não foi castigado. A exegese rabínica apoiava-se, para o fato de que as mulheres não falavam nas reuniões públicas de culto, em Deuteronômio 22:16 ("e o pai da moça dirá aos anciãos"); em Sifre Deuteronômio 22:16 §235 (117b) se lê: "Disso decorre que a mulher não tem o direito de falar no lugar do homem (ou: em vez do homem)". Mais plausível é a explicação de que Paulo remete de modo geral à ordem da criação (Gênesis 2).

Não se trata do falar (λαλεῖν) em geral, mas de um falar que traz "vergonha" (αἰσχρόν ἐστιν), isto é, que é inconveniente, vergonhoso, escandaloso. Em 11:5, Paulo falava de mulheres que oram com a cabeça descoberta e com isso desonram a sua "cabeça", isto é, trazem vergonha ao seu marido. O mesmo contexto cultural está presente aqui: a mulher não deve ferir a honra do (seu) marido no espaço público da reunião da igreja e assim causar-lhe vergonha.

Quando uma mulher ora ou profetiza no culto, ela não traz vergonha ao seu marido. Quando, porém, ela examina com perguntas críticas a autenticidade da fala profética dele, então ela certamente lhe traz vergonha – um interrogatório cruzado é sempre um assunto constrangedor e humilhante, sobretudo quando tem um desfecho negativo, e por isso as mulheres (casadas) não devem participar desse processo.

Comentário HJR: Raramente se pode acrescentar aos trabalhos de Schnabel algo que ele ainda não tenha mencionado ou pensado. Os seus comentários são um grande ganho. Para todos os especialistas aqui citados há ponderações diferentes dos argumentos e, com isso, também conclusões diferentes. A explicação dele é plausível, mas, como ele mesmo admite, não decorre tão diretamente do texto. Talvez seja a melhor de todas as tentativas de explicação. A possibilidade de que este texto seja uma citação – como algumas outras passagens desta carta – ele descarta sem justificativa plausível. A

contradição dos versículos com o seu entorno e as dúvidas quanto à sua autenticidade ficam, para mim, pouco consideradas. Em todo caso, para ele está claro que não pode ser uma ordem total de silêncio, por mais voltas que se dê.

Resumo e conclusões pessoais

Há quatro posições principais (com variantes) sobre a interpretação desses dois versículos:

- Silêncio absoluto das mulheres no culto
- Silêncio condicionado ou relacionado à situação, ou participação adequada (como se exige igualmente dos homens) – restrição em alguns: nada de ensinar e, por isso, nada de avaliar profecias
- Trata-se de uma citação que Paulo apresenta para refutá-la.
- Trata-se de uma inserção posterior e não é genuinamente paulina.

Nenhuma dessas variantes é 100% segura ou livre de problemas! Quanto ao conteúdo, não posso acrescentar nada às contribuições anteriores. Inclino-me para uma citação ou para uma glosa, ou seja, uma inserção não paulina. O meu motivo principal:

O versículo 34 é, a meu ver, uma ordem absoluta de silêncio. As mulheres não podiam nem sequer fazer perguntas (versículo 35). Se não podiam nem sequer fazer perguntas, isso significa para mim: silêncio absoluto.

Mas isso não é possível no contexto do capítulo 14 e de toda a carta. Sobretudo 1 Coríntios 11:5 é uma afirmação fundamental. Ela descreve a prática geral, dentro e fora da reunião. O pano de fundo são os dons do Espírito, que homens e mulheres recebem, e o sacerdócio universal (que a carta aos Coríntios, no entanto, não trata expressamente). Isso também não é possível em todo o Novo Testamento. Contra isso fala a maneira como Jesus tratava as mulheres. Contra isso fala também o fato de que Paulo tinha mulheres como colaboradoras, e a maneira como ele descreve os ministérios delas.

A Lei mencionada não pode ser encontrada – as referências a Gênesis 2 ou 3 são muito vagas e já são, elas mesmas, interpretação numa direção patriarcal. Dessa maneira, a relação entre os sexos é estabelecida não de modo simétrico, mas assimétrico-hierárquico, e assim se fundamentam a submissão e o silêncio. Se se entende a relação dos primeiros seres humanos como igualdade, as justificativas desmoronam. A submissão no NT é sempre mútua e, no Reino de Deus e na sua igreja, nunca se fundamenta em diferenças hierárquicas. Em Cristo, elas foram abolidas – não no mundo e nas suas relações, mas sim na igreja, que já representa a nova criação. Quem, portanto, erra o alvo em Gênesis 2 e 3 não conseguirá interpretar bem os textos de Paulo.

- Se for uma inserção, então ela me parece a semente falsa, ou o joio, que foi semeado entre a boa semente e cresce até o fim. A história da recepção desses dois versículos é, a meu ver, uma catástrofe. Mulheres caladas são exatamente o que a antiga serpente quer – assim como os milhões de horas de estudo e de briga para descobrir o que essas palavras poderiam significar. Será que Deus pode permitir isso? Ele permite muito mais coisas que não entendemos!
- Como citação, faz sentido, porque não são as palavras e os pensamentos de Paulo. Mas, mesmo assim, essa citação, a meu ver, não se encaixa bem neste lugar.
- Se forem palavras de Paulo, ele não pode ter se referido a um silêncio absoluto. Nesse caso, eu consideraria a proibição de avaliar as profecias (do marido) a melhor explicação no contexto

imediato.

“O tempo acabou, e todos olham consternados,

a cortina fechada e todas as perguntas em aberto.” (Livremente segundo Bertolt Brecht, “Der gute Mensch von Sezuan” [A alma boa de Setsuan]; encontrado em Erwin Schmidt sobre o mesmo tema.)

Mais uma vez sobre o movimento dos Irmãos

Quem leu os trechos individuais perceberá que é justamente o movimento dos Irmãos que defendeu, pôs em prática e defendeu com unhas e dentes uma ordem absoluta de silêncio. Eu mesmo cresci nesse movimento, no ramo dos chamados “Exclusivos”. Só aos 40 anos, depois de uma mudança, passei para uma igreja cristã moderada (Kempten). Até então, eu mesmo defendia essa versão dos Irmãos. Mas, reconheço, ela sempre me pareceu suspeita, desde que me lembro. Não porque eu seja feminista. O meu coração nunca conseguiu dizer um sim pleno a ela. E, diante de cristãos de fora dos “Irmãos”, nunca consegui fundamentá-la de modo realmente convincente. Quando se leem outros exegetas que conheço como fiéis à Bíblia e que amam a Palavra de Deus, percebe-se: eles não defendem essa visão. Por que não? Perguntando de outra forma: o que os irmãos do movimento dos Irmãos acham de tão especial nessa ordem de silêncio, tão digno de ser defendido? Penso que é preciso examinar com extremo cuidado por que isso deveria valer para as irmãs, ou seja, para 50% dos presentes. Ainda mais quando duas frases curtas são interpretadas de modo tão abrangente e em prejuízo da igreja. E quando esse movimento as trata praticamente como uma das suas marcas distintivas e até fundamenta nelas a sua separação.

Ora, o fato é que não existe nenhum mandamento positivo, nenhuma exortação às irmãs para orar e profetizar na reunião de culto. Esse argumento a partir do silêncio[40] pode ser interpretado assim a favor de si. Mas eu poderia igualmente dizer: era a regra tão evidente e coberta pelos escritos apostólicos (também esse é um argumento a partir do silêncio) que essa exortação nem precisava existir.

As seguintes pessoas, com os seus dons e ministérios, e os seguintes acontecimentos não se podem imaginar, quando se é imparcial, sem fala pública – nem sem fala na reunião:

Atos 2:17-18: E acontecerá nos últimos dias, diz Deus, que derramarei do meu Espírito sobre toda carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, e os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos. 18 E até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão.

Atos 21:8-9: No dia seguinte, partimos e chegamos a Cesareia; e, entrando na casa de Filipe, o evangelista, que era um dos sete, ficamos com ele. 9 Ele tinha quatro filhas virgens, que profetizavam.

A profecia (isto é, falar da parte de Deus e por ele) é, em Paulo, um elemento essencial da reunião da igreja: “Portanto, meus irmãos, procurem com zelo **profetizar** e não impeçam que se fale em línguas” (1 Coríntios 14:39). Atos 2 é justamente o início dessa reunião/igreja/Igreja. Para ela e nela acontece o profetizar, já predito até no AT. As quatro filhas – pergunto eu –, onde elas profetizavam? Em casa? Mas para quem? Eram visitadas como um oráculo? Dificilmente. Na praça do mercado? Provavelmente não. Na reunião? O mais provável, pois é ali que Paulo situa o profetizar.

Romanos 16:1: Recomendo-lhes Febe, nossa irmã, que é também serva (diakonos) da igreja em Cencreia.

Como se pode imaginar ser serva de uma igreja sem poder dizer nada quando a igreja se reúne?

Romanos 16:12: Saúdem Trifena e Trifosa, que trabalham no Senhor. Saúdem a amada Pérside, que muito trabalhou no Senhor.

Como se pode imaginar, sem forçar, trabalhar no Senhor sem dizer nada quando a igreja se reúne?

Filipenses 4:2-3: Exorto Evódia e exorto Síntique a pensarem concordemente no Senhor. 3 Sim, peço também a você, meu fiel companheiro de jugo, que as ajude, pois lutaram comigo no Evangelho …

Como se pode lutar junto no Evangelho sem poder dizer nada no culto? As duas mulheres parecem ter sido líderes na igreja de Filipos. Por que outro motivo justamente o desentendimento delas seria considerado um perigo para toda a igreja? Tudo isso não é nem compreensível nem imaginável se elas nunca disseram nada na igreja reunida.

Colossenses 4:15: Saúdem os irmãos em Laodiceia, e Ninfa, e a igreja que está na casa dela.

Ninfa tinha a igreja na casa dela. Ela a colocava à disposição como anfitriã, talvez porque ela ou o seu marido fossem abastados. É imaginável, sem preconceito, que ela nunca tenha levantado a voz no culto?

Ora, pode-se explicar todos esses textos – haveria ainda mais – exclusivamente pela lente de 1 Coríntios 14:34-35. Então se chega a outras conclusões. Assim, se daria a esses dois versículos a soberania interpretativa sobre todos os outros textos aqui indicados. Essa decisão, porém, é errada, porque passa por cima do peso maior de todos os outros textos. Não é uma ponderação e comparação cuidadosa, mas, infelizmente, uma determinação arbitrária. Sobretudo também porque essa ordem de silêncio não é apoiada de modo inequívoco por nenhuma outra passagem bíblica.

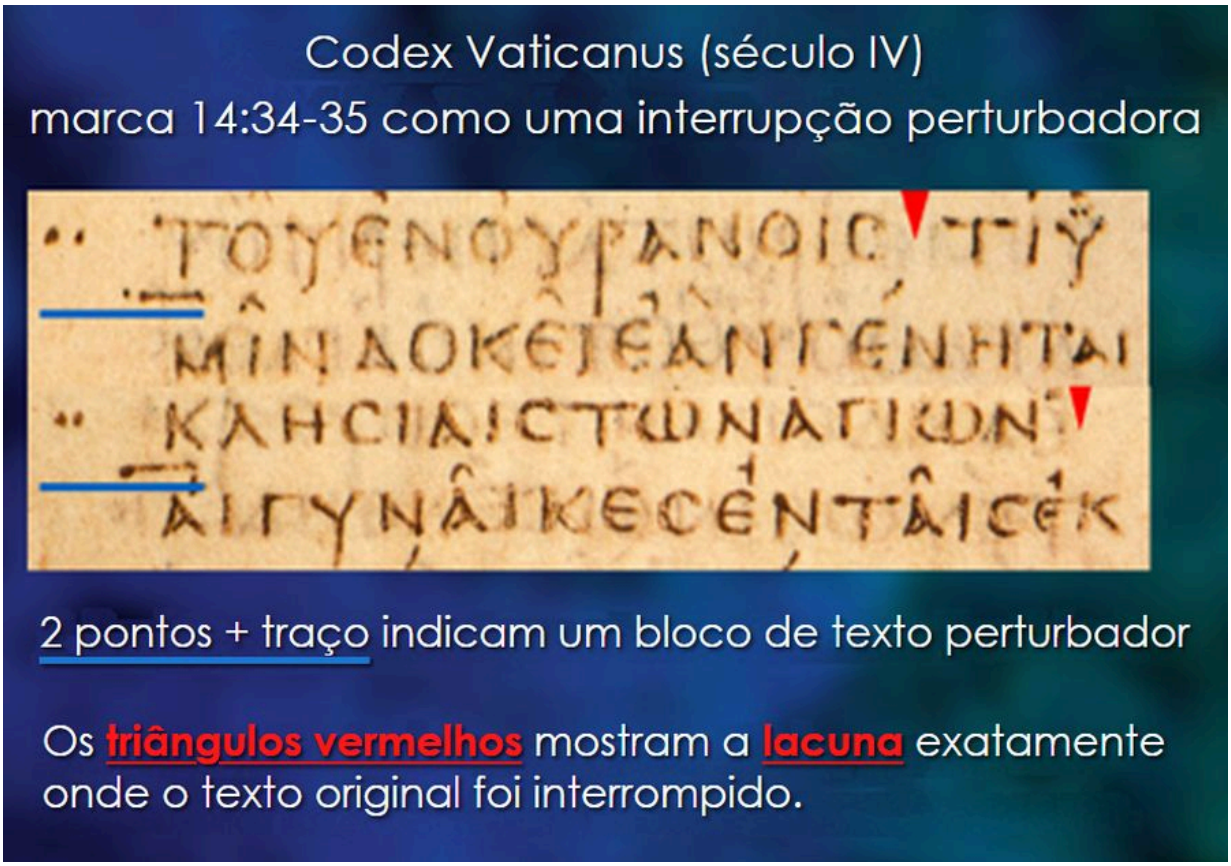
E, no entanto, justamente o movimento dos Irmãos defendia o sacerdócio universal dos crentes. Essa era a sua marca registrada e também a sua força. Mas como se pôde esquecer as irmãs quando eram oferecidos os sacrifícios de louvor e de ação de graças, para mim é incompreensível, justamente por causa do seu grande conhecimento das Escrituras. Que elas também ofereçam sacrifícios espirituais cantando junto e orando junto interior e silenciosamente é um apaziguamento precário. O Espírito é livre para agir por meio de mulheres e de homens. Ou será que o Espírito, na reunião, só age nos homens?

Hans-Jörg Ronsdorf, Augsburg, 1/11/2022

Nesse meio-tempo, tomei conhecimento de novos fatos da pesquisa textual. Eles parecem confirmar fortemente a minha suposição acima: esses dois versículos não vêm de Paulo e, portanto, não são válidos. Transcrevo da 4ª edição do meu livro “Frauen, vergebt uns!” (Mulheres, perdoem-nos!) os textos correspondentes:

Como indicado no prefácio à 4ª edição, esta seção 6.2.8 do livro foi complementada porque há (pelo menos para mim) novas descobertas relacionadas com manuscritos antigos. Philip Barton Payne trabalhou intensamente nesse tema e, como alguns outros pesquisadores do texto, reconheceu que há as seguintes particularidades: em alguns manuscritos, os versículos 34 e 35 estão onde estão nas nossas Bíblias; em outros manuscritos, porém, estão depois do versículo 40. Um texto relativamente longo foi deslocado. Isso é muito incomum e permite a seguinte suposição: esses versículos foram inseridos posteriormente. Estavam escritos na margem, e normalmente o copista seguinte os inseria, porque talvez tivessem sido esquecidos antes. Ele decidia onde eram inseridos.

Essa tese é reforçada por uma descoberta no Codex Vaticanus, um dos códices mais extensos e importantes do século IV. Ali, esses versículos estão de fato marcados como uma inserção:



Fonte da imagem: Biblioteca Apostolica Vaticana

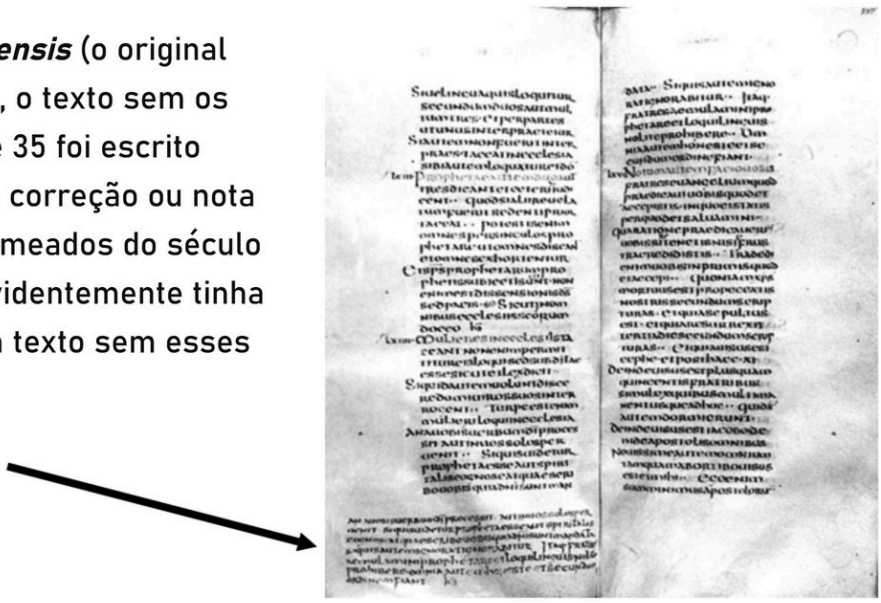
Cito a esse respeito Philip B. Payne, que fez uma pesquisa pioneira sobre o assunto: “Sete razões que decorrem dos manuscritos e nove razões que decorrem das palavras desses versículos convencem a mim e a muitos outros de que eles não estavam na carta original de Paulo, mas foram acrescentados mais tarde. Vou resumir agora apenas três. Primeiro, o significado evidente desses versículos contradiz as afirmações deste capítulo de que ‘todos’ podem ensinar e profetizar, e a constatação do capítulo 11:5 de que as mulheres profetizam. Segundo, nos manuscritos das cartas de Paulo não há nenhuma outra passagem de texto nem de longe tão longa que esteja (em manuscritos diferentes) em dois lugares diferentes tão distantes um do outro, sem que haja para isso um motivo evidente.

Terceiro, a Bíblia mais antiga marca esses versículos como um acréscimo posterior não autêntico. Primeiro, esses versículos contradizem muitas outras afirmações deste capítulo. Para evitar contradições, muitos dizem que Paulo só silencia a tagarelice perturbadora ou, como proposto pela primeira vez em 1962, só a avaliação de profecias. Mas essas interpretações não combinam com a exigência irrestrita de silêncio, que nesta passagem é repetida enfaticamente três vezes. Se o versículo 34 só proíbe a avaliação de profecias, então ele também permite falas que o versículo 35 proíbe. Afinal, fazer perguntas por desejo de aprender algo é algo totalmente diferente de avaliar profecias, e raramente é perturbador. Essas interpretações levam a que Paulo contradiga aquilo que acabou de escrever. Segundo, em todos os manuscritos gregos ‘ocidentais’ esses versículos vêm depois do versículo 40; na maioria dos outros manuscritos, porém, vêm depois do versículo 33. Aqui está o famoso Codex D ‘ocidental’ do século VI. O primeiro parágrafo completo desta imagem é o fim do capítulo 14. O parágrafo seguinte são os versículos 34 e 35. Com a última seção começa o capítulo 15.

Os dois lugares diferentes em que estão os versículos 34 e 35 sugerem que alguém os escreveu na margem e que copistas posteriores os inseriram depois do versículo 33 ou depois do 40. Deixe-me explicar:

O princípio fundamental na determinação do texto original da Sagrada Escritura é: 'O texto que melhor explica a origem dos outros textos é, com toda a probabilidade, o texto original.' Nenhum manuscrito de uma carta de Paulo desloca qualquer grande bloco de texto nem de longe tão longe sem motivo aparente, e nenhum leitor da primeira hora criticou a posição desse texto. Mas era comum que os escribas copiassem para o texto principal o texto da margem. O Codex Vaticanus, do século IV, por exemplo, contém 20 passagens com texto antigo na margem do texto de Mateus. Todas, exceto 3, estão contidas no texto principal de praticamente todos os manuscritos posteriores. Os gregos acreditavam firmemente que as mulheres deviam ficar caladas em assembleias públicas. Assim, não é de admirar que um leitor, em algum momento antes de 200 d.C., tenha acrescentado na margem a 'sabedoria conhecida ou corrente' que esses versículos expressam. A única explicação para os dois lugares em que esses versículos estão que combina com os costumes conhecidos dos escribas é que alguém escreveu primeiro esses dois versículos na margem de um manuscrito e que copistas posteriores os inseriram depois do versículo 33 ou do versículo 40. O bom senso diz: algo comum – a inserção de texto marginal no texto principal – é mais provável do que algo tão extraordinário que não se conhece nenhum outro caso – o deslocamento de tanto texto para tão longe sem motivo evidente. Terceiro, a nossa Bíblia mais antiga, o Codex Vaticanus, amplamente elogiado pela sua exatidão, marca esses versículos, que silenciam as mulheres na igreja, como uma interrupção não autêntica e falsa. É verdade, porém, que os versículos 34-35 aparecem em algum lugar (ou seja, depois do versículo 33 ou do 40) em todos os manuscritos conservados, o que exige uma inserção extraordinariamente antiga. Mas não é só o Vaticanus que os marca como não autênticos. O bispo Vítor mandou escrever na margem inferior do Codex Fuldensis um texto corrigido que omite esses versículos, e o texto não ocidental MS 88 os omite depois do versículo 33, mas os insere depois do versículo 40 com símbolos que indicam que deveriam vir depois do versículo 33. Como esses versículos não aparecem nas testemunhas textuais de Vítor para 1 Coríntios, a afirmação de Dan Wallace 'de que esses versículos aparecem em todas as testemunhas textuais de 1 Coríntios' não é verdadeira (https://bible.org/article/textual-problem-1-corinthians-1434-35). Os estudiosos do texto atribuem siglas de manuscrito diferentes a textos diferentes num mesmo manuscrito. A passagem 14:34-35 não aparece em todos os textos distinguidos por essas siglas de manuscrito separadas. ***Não é verdade que o texto de 14:34-35 seja 'apoiado' por todos os manuscritos."***

No ***Codex Fuldensis*** (o original está em Fulda), o texto sem os versículos 34 e 35 foi escrito embaixo, como correção ou nota de rodapé. Em meados do século VI, o escriba evidentemente tinha diante de si um texto sem esses versículos.



O Codex Fuldensis (F) é um manuscrito da Vulgata que contém o texto dos 23 livros canônicos do NT, bem como o Diatessarão e a Carta aos Laodicenses. É um dos mais antigos manuscritos datados do Novo Testamento e o único manuscrito antigo do NT do qual se sabe que foi editado por um estudioso importante, o bispo Vítor de Cápua. É a segunda testemunha importante do texto da Vulgata e a mais importante e mais antiga testemunha do texto completo do Diatessarão. O códice é um testemunho importante, se não o mais importante, na discussão sobre a autenticidade do texto de 1 Coríntios 14:34-35. Ele foi escrito nos anos 541-546 em Cápua, por encomenda do bispo Vítor, e revisado e corrigido por ele pessoalmente. No fim do Apocalipse está a data de 2 de maio de 546, escrita pelo próprio Vítor. Vítor revisou o texto do códice uma segunda vez, e por isso há também uma segunda data – 12 de abril de 547.

"O famoso estudioso católico romano Joseph A. Fitzmyer constata que 'a maioria dos intérpretes atuais' chega à conclusão de que esse texto [14:34-35] é um acréscimo posterior. A estudiosa do texto Kim Haines-Eitzen constata isso para 'quase todos os estudiosos hoje'. Gordon Fee, provavelmente o mais renomado pesquisador evangélico do texto, argumenta que esses versículos não estavam na carta de Paulo, mas foram acrescentados na margem de um manuscrito e inseridos por copistas posteriores depois do versículo 33 ou do versículo 40. O meu livro Man and Woman, One in Christ, 226-227, cita cinquenta e cinco estudos que chegam à conclusão de que 1 Coríntios 14:34-35 não estava na carta original de Paulo. Nas páginas 227-53 são apresentadas sete razões externas e nas páginas 253-65 nove razões internas de que o texto não vem de Paulo, e nas páginas 265-67 são respondidas objeções contra uma glosa. Em suma, na minha opinião, as evidências da crítica textual falam fortemente a favor de que se trata de uma glosa, provavelmente escrita por um leitor antes de 197 d.C."

Avaliação final

Cito outro autor, Andrew Bartlett, que trabalhou muito intensamente nesse tema, do seu livro Men and Women in Christ: "Alguns leitores talvez tenham a sensação de que a supressão dos versículos 34-35 é simplesmente cômoda demais. Isso é compreensível. Somos ensinados, com razão, a ser extremamente céticos diante de propostas de suprimir textos difíceis da Bíblia. É importante enfatizar que aqui não estamos lidando com argumentos a favor da inautenticidade que se baseiam apenas em

evidências internas. Se o problema desses versículos se limitasse ao fato de que não concordam com o seu contexto, de que contêm um erro evidente quanto ao conteúdo do Antigo Testamento e de que não se encontrou nenhuma solução interpretativa que lhes dê um sentido satisfatório, nós os deixaríamos no texto, reconheceríamos os nossos limites e esperaríamos nova luz no futuro. Aqui, porém, também os indícios externos precisam ser explicados. Como é que essas palavras se encontram em lugares diferentes em manuscritos diferentes? Algo deu errado, mas o quê? Como vimos, a solução mais provável para essa característica da evidência externa é que os versículos 34-35 não vêm de Paulo, mas de um antigo comentário marginal que foi incorporado ao texto principal.

Isso é confirmado adicionalmente pelas anotações do bispo Vítor no Codex Fuldensis, que apontam para a existência de um texto em que esses dois versículos faltam por completo. E, se a visão de Payne sobre as evidências do Codex Vaticanus estiver correta, essa é mais uma confirmação. Quando somamos as evidências externas e internas, os argumentos para rejeitar esses dois versículos são inequívocos. Suprimi-los não é uma manobra ideológica; trata-se de seguir as evidências. Em princípio, isso não é diferente da rejeição de outros acréscimos (como, por exemplo, o final de Marcos, João 5:3-4 ou Atos 24:6-7), que apareceram no texto, foram incluídos por algum tempo nas nossas Bíblias e depois foram retirados, quando o exame das evidências disponíveis levou à conclusão de que provavelmente não eram autênticos, afinal. No mínimo, as nossas Bíblias deveriam conter uma nota de rodapé mais ou menos assim: indícios dos manuscritos sugerem que os versículos 34 e 35 poderiam ser um acréscimo posterior, que não vem de Paulo, e que por isso deveriam ser omitidos. Melhor seria colocar os versículos 34-35 em itálico ou numa nota de rodapé, junto com uma explicação de que a natureza das discrepâncias nos manuscritos permite concluir que são de autenticidade duvidosa. 'A lei do SENHOR é perfeita e restaura a alma' (Salmo 19:7). Não proponho isso aqui como critério de autenticidade. Mas, se alguns leitores se sentiram culpados por suas almas não terem recebido muito refrigério de 1 Coríntios 14:34-35, talvez agora possam respirar aliviados: esses versículos talvez nem pertençam à Bíblia."

Permita-me concluir este capítulo da seguinte forma: eu já conhecia essa visão quando escrevi este livro, mas não ousei questionar esse texto. Agora, porém, a situação dos fatos é tal que quase não é mais possível entender esses dois versículos como Palavra inspirada de Deus. Isso faz uma diferença gritante. Por quê? Porque todas as tentativas de explicação (exceto a tese da citação) fracassam diante do fato de que se trata de uma ordem absoluta de silêncio. Em todas as interpretações, as tentativas de explicação colidem com a clareza dessa exigência. Essa exigência, porém, não vem de Paulo, mas corresponde ao pensamento do mundo. Que trágico! Pois justamente aqueles que se empenham pelas mulheres são acusados de feminismo e de adaptação ao mundo. Será que o inimigo, o adversário e o semeador de confusão, conseguiu contrabandear para dentro da Bíblia algo que teve consequências fatais para as mulheres da igreja e para a igreja como um todo em todos os séculos? Como podemos sair de uma situação tão trágica? Quão grave é essa suposição errada, até hoje?

Aqui é preciso tomar posição clara de uma vez por todas e encarar os fatos.

Que Deus tenha misericórdia de nós!

Para concluir este capítulo, leia o texto aos Coríntios sem os versículos 34 e 35 e constate como ele se apresenta coerente e cheio de sentido assim:

"Pois todos vocês podem profetizar, um após o outro, para que todos aprendam e todos sejam consolados. E os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas. Pois Deus não é Deus de desordem,

mas de paz, como em todas as reuniões dos santos. Ou foi de vocês que saiu a palavra de Deus? Ou chegou somente a vocês? Se alguém pensa ser profeta ou espiritual, reconheça que aquilo que lhes escrevo é mandamento do Senhor. Mas, se alguém é ignorante, que seja ignorante. Portanto, meus irmãos, procurem com zelo profetizar e não impeçam que se fale em línguas. Mas tudo seja feito com decência e em ordem." (1 Coríntios 14:31-33, 36-40)

Não havia nem há nenhuma ordem de silêncio para as mulheres nas reuniões da igreja de Jesus! Pode-se chegar a isso sem conhecimentos de grego e sem a tese da citação. Será mesmo possível que o apóstolo, que tinha muitas mulheres como colaboradoras, as quais ele cita pelo nome, em quem confiava, que lutaram com ele no Evangelho, as tenha proibido de abrir a boca?

Por fim, pergunto: quem tem o maior interesse em que as irmãs fiquem caladas? Em que o corpo de Cristo emudeça pela metade? Em que as mulheres não complementem os homens na reunião? É a antiga serpente, o adversário e destruidor, o pai da mentira e homicida desde o princípio. Só a sua inimizade contra a mulher pode ser o motivo de tal cegueira. Por isso, os homens na liderança e no ensino terão um dia de prestar contas.

Hans-Jörg Ronsdorf

Augsburg, 22/9/2023

Notas

1. Kelly, W., *Einführende Vorträge zum Neuen Testament*, XV, Faithlife, Bellingham, WA 2022, 11.
2. Grant, F. W., *The numerical Bible; being a revised translation of the Holy Scriptures with expository notes: arranged, divided, and briefly characterized according to the principles of their numerical structure: Acts to 2 Corinthians (Study Text)*, Loizeaux Brothers, Neptune, NJ 1901, 523.
3. Hole, F. B., *Grundzüge des Neuen Testaments*, Christliche Schriftenverbreitung, Hückeswagen 1989, 972–973.
4. MacDonald, W., *Kommentar zum Neuen Testament*, Christliche Literatur-Verbreitung, Bielefeld 2018, 7. ed., 761–762.
5. Strack, H. L. - Billerbeck, P., Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch, C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung Oskar Beck, Munique 1922–1926, v. 3, 467.
6. Strack, H. L. - Billerbeck, P., Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch, C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung Oskar Beck, Munique 1922–1926, v. 3, 469.
7. Henry, M., *Matthew Henry's commentary on the whole Bible: complete and unabridged in one volume*, Hendrickson, Peabody 1994, 2271.
8. Schlatter, A., *Die Korintherbriefe: Ausgelegt für Bibelleser*, VI, Schlatters Erläuterungen zum Neuen Testament, Evangelische Verlagsanstalt, Berlin 1954 (2. ed.), 154–155.
9. Morris, L., *1 Corinthians: an introduction and commentary*, VII, Tyndale New Testament Commentaries, InterVarsity Press, Downers Grove, IL 1985, 192–194.
10. Ciampa, R. E. - Rosner, B. S., "1 Corinthians", em *Commentary on the New Testament use of the Old Testament*, Baker Academic; Apollos, Grand Rapids, MI; Nottingham, UK 2007, 743.
11. Uma defesa minuciosa da visão tradicional encontra-se em Archibald Robertson, Alfred Plummer. A Critical and Exegetical Commentary on the First Epistle of St Paul to the Corinthians. op. cit. p. 324-328 e – também contra a teoria da citação – em Arthur Rowe. "Silence and the Christian Women of Corinth: An Examination of 1 Corinthians 14:33b-36". Communio viatorum (Ecumenical Institute of the Comenius Faculty, Praga) 33 (1990) 1-2: 41-84.
12. Daniel C. Arichea. "The Silence of Women in the Church". Bible Translator 46 (1995) 101-112, aqui p. 102-104.
13. Em ordem cronológica, devem ser mencionados como defensores da teoria da citação em 1 Coríntios 14:34-36 – até onde sei: Jessie Penn-Lewis. The Magna Charta of Woman. The Overcomer Book Room: Bournemouth (GB), 1919 (veja a reimpressão de 1975 abaixo); Katharine Bushnell. God's Word to Women. Edição própria: Oakland (CA, EUA), s.d. (c. 1918); ibid. 1930, parágrafos 189-215 Katharine Bushnell. 101 Questions Answered: A Woman's Catechism - God's Word to Women. Lowes Ltd.: Southport (GB), s.d. (c. 1930; 72 p.). p. 23-26; John A. Anderson. Women's Warfare and Ministry:

What Saith the Scriptures? David Waldie: Stonehaven (GB), 1933. p. 20-26; Katharine Bushnell. Was sagt Gott der Frau. Berlim, 1936. c. 130 p.; Katharine Bushnell. The Badge of Guilt and Shame. Southport (GB) s.d.; Ernestine von Trott zu Solz. Die Stellung der Frau nach der Bibel. Landheim Salem e. V.: Asendorf, s.d. 47 p. p. 33-37; J. C. Hurd. The Origin of I Corinthians. Seabury: New York, 1965. p. 186-195; Joyce Harper. Women and the Gospel. C. B. R. F. Occasional Paper 5. Christian Brethren Research Fellowship: Pinner (GB), 1974. p. 14-19+8-9; Jessie Penn-Lewis. The Magna Charta of Woman. Bethany House Publ.: Minneapolis, 1975 (reimpressão da edição de 1919). 103 p. 21-34; Walter C. Kaiser, Jr. "Paul, Women, and the Church". Worldwide Challenge 3 (1976) Sept: 9-12; Neal M. Flanagan, Edwina Hunter Snyder. "Did Paul put down women in 1Cor 14: 34-36?". Biblical Theology Bulletin (New York) 11 (1981) 10-12; David W. Odell-Scott. "Let the Women Speak in Church: An Egalitarian Interpretation of I Cor. 14.33b-36". Biblical Theology Bulletin 13 (1983) 90-93; C. H. Talbert. "Paul's Understanding of the Holy Spirit: The Evidence of 1 Corinthians 12-14". Perspectives in Religious Studies 11 (1984) 95-108, aqui p. 105-107; Chris Ukachukwu Manus. "The Subordination of the Women in the Church: 1 Co 14:33b-36 Reconsidered". Revue Africaine de Théologie 8 (1984) 16 (Oct) 183-195; David W. Odell-Scott. "In Defense of an Egalitarian Interpretation of 1 Cor 14.34-36". Biblical Theology Bulletin 17 (1987) 3: 100-103; Robert W. Allison. "Let Women be Silent in the Churches (1Cor. 14. 33b-36) What Did Paul Really Say, and What Did it Mean". Journal for the Study of the NT 32 (1988) 27-60; Gilbert Bilezikian. Beyond Sex Roles: A Guide for the Study of Female Roles in the Bible. Baker Book House: Grand Rapids (MI), ²1989. p. 144-153; Daniel C. Arichea. "The Silence of Women in the Church". Bible Translator 46 (1995) 101-112; considera a teoria da citação como uma possibilidade: Jerome Murphy-O'Connor. "Interpolations in 1 Corinthians". Catholic Biblical Quarterly 48 (1986) 81-94, aqui p. 91.

14. Neal M. Flanagan, Edwina Hunter Snyder. "Did Paul put down women in 1Cor 14: 34-36?". op. cit. p. 10+12.
15. Daniel C. Arichea. "The Silence of Women in the Church". op. cit. p. 109 e Chris Ukachukwu Manus. "The Subordination of the Women in the Church: 1 Co 14:33b-36 Reconsidered". op. cit. p. 189.
16. Robert W. Allison. "Let Women be Silent in the Churches (1Cor. 14. 33b-36)". op. cit. p. 44-45. Também Archibald Robertson, Alfred Plummer. A Critical and Exegetical Commentary on the First Epistle of St Paul to the Corinthians. op. cit. p. 325 e Daniel C. Arichea. "The Silence of Women in the Church". op. cit. relacionam o texto com Gênesis 3:16, mas partem do pressuposto de que Paulo entendeu (ou entendeu mal) Gênesis 3:16 dessa maneira.
17. Joyce Harper. Women and the Gospel. C. B. R. F. Occasional Paper 5. Christian Brethren Research Fellowship: Pinner (GB), 1974. p. 14-15; John A. Anderson. Women's Warfare and Ministry: What Saith the Scriptures? David Waldie: Stonehaven (GB), 1933. p. 20-26.
18. Joyce Harper. Women and the Gospel. op. cit. p. 14 (de Megilá, livro do Talmude).
19. S. Aalen. "A Rabbinic Formula in I Cor. 14,34". p. 513-525 em: F. L. Cross (org.). Studia Evangelica II. Texte und Untersuchungen zur Geschichte der altchristlichen Literatur 87. Akademie-Verlag: Berlim (Oriental), 1964.
20. Gilbert Bilezikian. Beyond Sex Roles: A Guide for the Study of Female Roles in the Bible. Baker Book House: Grand Rapids (MI), ²1989. p. 144-153.
21. Ibid. p. 145.
22. Ibid.
23. Ibid. p. 147.
24. Ibid. p. 149.
25. Ibid.
26. Ibid. p. 151.
27. Ibid. p. 248-249.
28. Ibid. p. 151-152.
29. Ibid. p. 248.
30. C. H. Talbert. "Paul's Understanding of the Holy Spirit". op. cit. p. 105, com referência à "Montgomery translation of the New Testament, early in the century", bem como a David W. Odell-Scott. "Let the Women Speak in Church". op. cit. e Neal M. Flanagan, Edwina Hunter Snyder. "Did Paul put down women in 1Cor 14: 34-36?". op. cit.
31. C. H. Talbert. "Paul's Understanding of the Holy Spirit". op. cit. p. 106.
32. De forma mais detalhada, Gottfried Fitzer. 'Das Weib schweige in der Gemeinde': Über den unpaulinischen Charakter der mulier-taceat-Verse in 1. Korinther 14. Theologische Existenz Heute 110. C. Kaiser: Munique, 1963; no âmbito evangélico: Gordon D. Fee. The First Epistle to the Corinthians. op. cit. p. 699-707 (em sentido contrário, D. A. Carson. "'Silent in the Churches': On the Role of Women in 1Corinthians 14:33b-36". p. 140-153 em: John Piper, Wayne Grudem (org.). Recovering Biblical Manhood and Womanhood. Crossway Books: Wheaton (IL), 1991. p. 141-145); além disso: Jerome Murphy-O'Connor. "Interpolations in 1 Corinthians". Catholic Biblical Quarterly 48 (1986) 81-94, aqui p. 90-92;

Elizabeth Schüssler Fiorenza. Zu ihrem Gedächtnis. Chr. Kaiser: Munique, Grünewald: Mainz, 1988. p. 287-291; G. W. Trompf. “On Attitudes Toward Women in Paul and Paulinist Literature: 1 Corinthians 11: 3-16 and Its Context”. The Catholic Biblical Quarterly 42 (1980) 196-215; Karl Hermann Schelkle. “‘Denn wie das Weib aus dem Mann ist, so auch der Mann aus dem Weib’ (1Kor 11,12): Zur Gleichberechtigung der Frau im Neuen Testament”. Diakonia 15 (1984) 85-90, aqui p. 87; Hans Conzelmann. Der erste Brief an die Korinther. Kritisch-exegetischer Kommentar über das Neue Testament 5. ¹²1981 (²1981 da nova edição revista). sobre a passagem; (contra Conzelmann se pronunciam: C. K. Barrett. A Commentary on The First Epistle to the Corinthians. A & C Black: London, 1968. p. 333 e Mary Evans. Women in the Bible. The Paternoster Press: Exeter, 1983. p. 95-96).

33. Em todas as testemunhas importantes do texto ocidental, 1 Coríntios 14:34-35 se encontra depois de 1 Coríntios 14:40, o que, também segundo a opinião do intérprete evangélico conservador Gordon D. Fee. The First Epistle to the Corinthians. op. cit. p. 699-707, só pode ser explicado pelo fato de que esses versículos foram acrescentados posteriormente. Outros motivos de crítica textual para a origem tardia dos v. 34-35 são apresentados recentemente por Philip B. Payne. “Fuldensis, Sigla for Variants in Vaticanus, and 1 Cor 14.34-5”. New Testament Studies 41 (1995) 240-262; cf. também a discussão que daí surgiu nesta revista, por exemplo, a posição contrária em Curt Niccum. “The Voice of the Manuscripts on the Silence of Women: The External Evidence for 1Cor 14.34-5”. New Testament Studies 43 (1997) 242-255, e também em D. W. Bryce. “As in All the Churches of the Saints”. Lutheran Theological Journal 31 (1997) 31-39.
34. Gottfried Fitzer. ‘Das Weib schweige in der Gemeinde’. op. cit. p. 6-7; Gordon D. Fee. The First Epistle to the Corinthians. op. cit. p. 699-701.
35. Ibid. p. 700.
36. Jerome Murphy-O’Connor. “Interpolations in 1 Corinthians”. Catholic Biblical Quarterly 48 (1986) 81-94, aqui p. 90-92; de modo semelhante em Jerome Murphy-O’Connor. 1 Corinthians. New Testament Message 10. M. Glazier: Wilmington (DE), 1979. p. 133.
37. Assim, por exemplo, Robert W. Allison. “Let Women be Silent in the Churches (1Cor. 14. 33b-36): What Did Paul Really Say, and What Did it Mean”. Journal for the Study of the NT 32 (1988) 27-60, aqui p. 35-39.
38. Fee, G. D., *The First Epistle to the Corinthians*, edd. N. B. Stonehouse - F. F. Bruce - G. D. Fee - J. B. Green, The New International Commentary on the New Testament, William B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, MI; Cambridge, U.K. 2014, Revised Edition, 780.
39. Schnabel, E. J., *Der erste Brief des Paulus an die Korinther*, edd. G. Maier - H.-W. Neudorfer - R. Riesner - E. J. Schnabel, Historisch-Theologische Auslegung Neues Testament, SCM R. Brockhaus/Brunnen Verlag, Witten/Gießen 2018, 4ª ed., 842–845.
40. Na lógica e na ciência histórica, chama-se argumentum e silentio (lat.) uma conclusão a partir do silêncio. A não realidade de um fato ou de um acontecimento é deduzida de que ele não é mencionado num contexto em que, de outro modo, a sua menção seria certamente esperada.